



Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde: Catálogo da primeira temporada

Organização:

Alcindo Antônio Ferla

Vera Maria da Rocha

Francisca Valda da Silva de Oliveira

Francisca Rego Oliveira de Araújo

Lorrainy da Cruz Solano

Sônia Maria Lemos



(Série Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde)

Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde: Catálogo da primeira temporada

Organização:

Alcindo Antônio Ferla
Vera Maria da Rocha
Francisca Valda da Silva de Oliveira
Francisca Rego Oliveira de Araújo
Lorrainy da Cruz Solano
Sônia Maria Lemos



1ª Edição
Editora Rede UNIDA, 2021
Porto Alegre, Brasil.

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial**Editor-Chefe:** Alcindo Antônio Ferla**Editores Associados:** Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Márcio Mariath Belloc, Károl Veiga Cabral, Maria das Graças Alves Pereira, Frederico Viana Machado.**Conselho Editorial:**

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil). **Alcindo Antônio Ferla** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Ángel Martínez-Hernández** (Universitat Rovira i Virgili, Espanha). **Angelo Stefanini** (Università di Bologna, Itália). **Ardigó Martino** (Università di Bologna, Itália). **Berta Paz Lorido** (Universitat de les Illes Balears, Espanha). **Celia Beatriz Iriart** (University of New Mexico, Estados Unidos da América). **Denise Bueno** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Emerson Elias Merhy** (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil). **Érica Rosalba Mallmann Duarte** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Francisca Valda Silva de Oliveira** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil). **Izabella Barison Matos** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil). **Hêider Aurélio Pinto** (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil). **João Henrique Lara do Amaral** (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). **Júlio Cesar Schweickardt** (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil). **Laura Camargo Macruz Feuerwerker** (Universidade de São Paulo, Brasil). **Leonardo Federico** (Universidad Nacional de Lanús, Argentina). **Lisiane Bôer Possa** (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil). **Liliana Santos** (Universidade Federal da Bahia, Brasil). **Luciano Bezerra Gomes** (Universidade Federal da Paraíba, Brasil). **Mara Lisiane dos Santos** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil). **Márcia Regina Cardoso Torres** (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil). **Marco Akerman** (Universidade de São Paulo, Brasil). **Maria Augusta Nicoli** (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália). **Maria das Graças Alves Pereira** (Instituto Federal do Acre, Brasil). **Maria Luiza Jaeger** (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil). **Maria Rocineide Ferreira da Silva** (Universidade Estadual do Ceará, Brasil). **Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** (Universidade Federal do Pará, Brasil). **Ricardo Burg Ceccim** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). **Rodrigo Tobias de Sousa Lima** (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil). **Rossana Staevie Baduy** (Universidade Estadual de Londrina, Brasil). **Sara Donetto** (King's College London, Inglaterra). **Sueli Terezinha Goi Barrios** (Associação Rede Unida, Brasil). **Túlio Batista Franco** (Universidade Federal Fluminense, Brasil). **Vanderléia Laodete Pulga** (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil). **Vera Lucia Kodjaoglanian** (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil). **Vera Maria da Rocha** (Associação Rede Unida, Brasil). **Vincenza Pellegrini** (Università di Parma, Itália).

A série Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde tem como objetivo disseminar experiências, iniciativas no âmbito do trabalho e pesquisas em saúde, com ênfase na dimensão das práticas que as compõe. Pretende um diálogo intenso dos saberes produzidos e postos em circulação com o campo da gestão do trabalho e da educação na saúde no cotidiano das instituições e dos territórios. Trata-se de conhecimento produzido em ato por diferentes pessoas, que pede diálogos interdisciplinares e com campos epistêmicos diversos para desenvolver o trabalho em saúde, seja na atenção e na gestão, no ensino e na participação em saúde. O desenvolvimento das práticas e dos saberes aqui é proposto como deslocamento, como movimento, para qualificar a atuação em redes e serviços, no trabalho e na gestão, no ensino e na educação na saúde, assim como em diferentes movimentos sociais. A série pretende compor metaforicamente rodas de conversa sobre temas relevantes para a produção da saúde em práticas, experiências e pesquisas, convidando novas interloquções.

A Série tem coordenação editorial de: Alcindo Antônio Ferla (Brasil), Gabriel Calazans Baptista (Brasil), Lisiane Bôer Possa (Brasil) e Vincenza Pellegrini (Itália).

Publicação realizada a partir da primeira temporada do Programa On Line **Diálogos Interprofissionais sobre a Formação na Saúde**. O Catálogo registra os programas realizados e disponibilizados no canal da TV Rede Unida.

Iniciativa realizada em colaboração interinstitucional: Associação Brasileira da Rede Unida (Eixo Educação); Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM); Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN); Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO); Associação Brasileira de Psicologia (ABEP); Conselho Nacional de Saúde / Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho (CIRHRT/CNS); Escola de Saúde Pública do Mato Grosso (ESP/SES/MT); Executiva Nacional de Estudantes de Fisioterapia (ENEFI); Hospital Maternidade Almeida Castro, Mossoró/RN; Liga de Integralidade da Universidade Estadual do Amazonas; Núcleo Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba (NESC/UFPB); Programa de Pós Graduação da Saúde da Família do Instituto Integrado de saúde da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (PPGSF/INISA/UFMS); Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCol/UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP-UFGPA).

Comissão Executiva Editorial

Gabriel Calazans Baptista
Márcia Regina Cardoso Torres,
Projeto Gráfico, Capa e Miolo
Editora Rede UNIDA

Diagramação

Editora Rede Unida
Arte da Capa
Márcio Belloc (fotografia)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

F357d Ferla, Alcindo Antônio (org.) et al.

Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde: Catálogo da primeira temporada / Organizadores: Alcindo Antônio Ferla, Vera Maria da Rocha, Francisca Valda da Silva de Oliveira, Francisca Rego de Araújo, Lorrainy da Cruz Solano e Sônia Maria Lemos. – 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Editora Rede Unida, 2021.

65 p. (Coleção Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde).
E-book: 1 Mb, PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87180-34-2.**DOI:** 10.18310/9786587180342.

1. Cuidado em Saúde. 2. Formação em Saúde. 3. Interprofissionalidade. 4. Saúde Coletiva. I. Título.
II. Assunto. III. Organizadores.

21-30180030

CDD 610:344.041
CDU 61:371.133

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: ensino, pessoal médico e suas atividades.
2. Medicina: Prática de ensino.

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre - RS. Fone: (051) 3391-1252
www.redeunida.org.br



Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde: Catálogo da primeira temporada

Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde:
Catálogo da primeira temporada

ISBN 978-65-87180-34-2



9 786587 180342 >

DIÁLOGOS INTERPROFISSIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO NA SAÚDE: CATÁLOGO DA PRIMEIRA TEMPORADA



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FERLA, Alcindo Antônio; ROCHA, Vera Maria da; OLIVEIRA, Francisca Valda da Silva de; ARAÚJO, Francisca Rego Oliveira de; SOLANO, Lorrainy da Cruz; LEMOS, Sônia Maria (Org.). **Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde: Catálogo da primeira temporada**. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2021. (Série Vivências em Educação na Saúde). E-book (PDF; 1 Mb). ISBN 978-65-87180-34-2. DOI: 10.18310/9786587180342.

SUMÁRIO

	Pág.
PREFÁCIO	
DIÁLOGOS INTERPROFISSIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO NA SAÚDE: DO QUE FALAMOS? (Alcindo Antônio Ferla, Adriane Pires Batiston, Aline Blaya Martins, Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira)	7
APRESENTAÇÃO:	13
DIALOGANDO SOBRE A FORMAÇÃO PARA REFLETIR SOBRE AS PRÁTICAS NO COTIDIANO (Alcindo Antônio Ferla, Vera Maria da Rocha, Francisca Valda da Silva de Oliveira, Francisca Rego Oliveira de Araújo, Lorrainy da Cruz Solano e Sônia Maria Lemos)	
DIÁLOGOS INTERPROFISSIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO NA SAÚDE: UMA IDEIA EM REDE DE AUTORIAS (Alcindo Antônio Ferla, Vera Maria da Rocha, Francisca Valda da Silva de Oliveira, Francisca Rego Oliveira de Araújo, Lorrainy da Cruz Solano e Sônia Maria Lemos)	18
SEÇÃO 1: OS EPISÓDIOS DA TEMPORADA	
PROGRAMA 1 - CRISE CIVILIZATÓRIA E FORMAÇÃO NA SAÚDE: O QUE ESTAMOS CONSTRUINDO NA PANDEMIA?	24
PROGRAMA 2 - APRENDER COM A PRÁTICA DURANTE A PANDEMIA: CUIDADO INTEGRAL OU VIRTUAL?	28
PROGRAMA 3 - APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM TEMPOS DE COVID-19: COMO ESTÁ O COTIDIANO?	32
PROGRAMA 4 - FORMAÇÃO NO E PARA O SUS: O QUE NOS DIZEM OS QUE ESTÃO NA LINHA DE FRENTE	37
PROGRAMA 5 - DCN E A FORMAÇÃO EM SAÚDE EM TEMPOS DE PANDEMIA: O TERRITÓRIO COMO CENÁRIO	41
PROGRAMA 6 - DO VER-SUS AO FAZER-SUS: VIDAS QUE SE (RE)ENCONTRAM, RESISTÊNCIAS QUE FORTALECEM	46
PROGRAMA 7 - ANTIRRASCIMO: DESAFIO PARA A FORMAÇÃO INTERPROFISSIONAL E INTEGRAL NA SAÚDE	50
PROGRAMA 8 - DIREITOS HUMANOS, DIVERSIDADE E FORMAÇÃO NA SAÚDE	56

SEÇÃO 2: OUTROS DIÁLOGOS

LIGANDO A FORMAÇÃO DAS PROFISSÕES DA SAÚDE À INTEGRALIDADE: PENSAMENTO, ARTE E AÇÃO (Sônia Maria Lemos, Eduardo Jorge Santana Honorato, Antônio Simeone Correia Leitão, Gabriel Romero, Matheus Pantoja de Souza, Rebeca Cardoso Castro, Victória de Assis Silva, Andrea Villas Boas Mello, Alcindo Antônio Ferla) 62

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS 74

PREFÁCIO

DIÁLOGOS INTERPROFISSIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO NA SAÚDE: DO QUE FALAMOS?

Alcindo Antônio Ferla

Adriane Pires Batiston

Aline Blaya Martins

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira

Introdução

Apresentar o catálogo do que está sendo chamado de “primeira temporada” do programa *on line* **Diálogos Interprofissionais sobre a formação na saúde** nos convoca a um lugar de fala desafiador: a formação de pós-graduação na saúde com a ênfase da saúde coletiva. Foi nessa condição que participamos institucionalmente no apoio ao Programa, na sua primeira temporada. E o desafio está nas partes do título, sobretudo nas expressões “diálogos” e “interprofissionais”, mas está também na dobra que essas expressões produzem na tradição da formação, ainda mais visível e palpável na pós-graduação *stricto sensu*, sobre o trabalho no cotidiano dos sistemas de saúde e, mesmo, da formação e do ensino na saúde.

Dialogar em tempos de restrições à liberdade de expressão, no cotidiano da vida e, de forma particularmente aguda no interior das instituições de ensino e pesquisa; dialogar interprofissionalmente, no momento em que se vive dupla crise, da especialização do conhecimento e seu rebatimento na fragmentação técnica do trabalho, mas também de negação da ciência e desvalia do trabalho docente e, mesmo, da relevância da pesquisa e do conhecimento científico para a superação dos obstáculos e crises do cotidiano; dialogar sobre a formação da saúde, no momento em que o trabalho em saúde está posto no seu limite, pela sobrecarga física e psicossocial do enfrentamento à pandemia, submetido ao tensionamento das condições objetivas em termos de tecnologias

para o cuidado e de proteção para sua realização e, ao mesmo tempo, objeto de assédio de grupos sociais e discursos de combate, muitas vezes por dentro das próprias profissões e entidades; são condições que descrevem um contexto pouco favorável.

Mas, também, dialogar sobre a formação na saúde como atuação ética, sustentada na produção da vida e na responsabilidade social e sanitária com todas as saúde que pedem passagem em cada pessoa, grupo social ou território; dialogar sobre o trabalho que mantém com a ciência relações saudáveis, não subordinadas aos interesses vigentes se eles não estiverem na defesa das pessoas e das coletividades; dialogar criticamente sobre as formas de articulação da ciência e da tecnologia com o cotidiano da vida das pessoas, com a ideia de sistemas públicos e universais de saúde e sobre a necessidade de proteção ao trabalho e à vida dos trabalhadores da saúde e das áreas essenciais, em tempos em que o enfrentamento à pandemia nos coloca diante da negação da vida como estratégia política.

Entretanto, não falamos aqui de um projeto futuro, de uma produção onírica ou do objeto de desejo. Falamos aqui de uma “temporada” de programas com debates profícuos, oportunos, densos e muito *esperançadores*. Portanto, falamos aqui de resistência e de uma especificidade que demonstra capacidade de superar os obstáculos do percurso, seja nas ações, falas e omissões dos governos, das entidades corporativas ou de grupos sociais que, ao tempo em que negam

a relevância do trabalho, buscam os serviços no momento de necessidade aguda. De uma ação profissional e humanitária, sobretudo no momento de uma crise sanitária e civilizatória com a magnitude que a COVID-19 tem colocado à vida e às sociedades no planeta. De uma ação laboral e simbólica que produz alianças no cotidiano entre trabalhadores da saúde e a sociedade em geral, no mundo todo, com reconhecimento e homenagens. Falamos aqui também de uma entrega, uma vez que, no exercício desse trabalho, ao longo do ano de 2020, muitos trabalhadores perderam a própria vida pela doença que buscaram enfrentar e, em muitos casos, devido às limitações em que o trabalho se realizou. Limitações frequentemente associadas à negação do direito de trabalho protegido, à forte ideiação do governo federal de esgotamento das universidades, da pesquisa e do financiamento da ciência, tecnologia e da manutenção do ensino de graduação e pós-graduação.

Então, dialogar a partir da condição interprofissional sobre a formação de trabalhadores na saúde, com ideias e diretrizes acumuladas ao longo dos tempos e com a atualização que tem sido produzida pela pandemia é necessário, é relevante e é impostergável. No cotidiano do trabalho, no interior da formação e, também, no âmbito dos programas de mestrado e doutorado, que ativam a capacidade de pesquisar, aprender e intervir no cotidiano do trabalho. Queremos dialogar e comemorar os *Diálogos* realizados na primeira temporada e anunciados para a segunda.

Diálogos, interprofissionalidade e formação comprometida ética e socialmente e orientada para o SUS

Se é desafiador o lugar de apresentar o catálogo, inicialmente nos cabe registrar o reconhecimento à iniciativa da Rede Unida e demais parceiros e às pessoas que se envolveram diretamente na proposição, no planejamento e na direção do Programa. Não por acaso, se trata de militantes, no sentido implicado da expressão, de longa data no encontro da educação com a saúde e, ainda mais especialmente, nos movimentos de mudança da formação de trabalhadores em saúde. Esse movimento, que se adensou nas primeiras iniciativas de integração docente-assistencial, ainda nos idos das décadas de 1970 do Século Passado, teve designação constitucional com a definição de que cabe ao Sistema Único de Saúde (SUS) participar do ordenamento da formação das profissões da saúde. Mais fortemente, a partir dos anos 2000, quando as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos da área da saúde estabeleceram demandas também operacionais para a mudança e para a aproximação com o trabalho no interior de serviços e pontos de atenção nos territórios concretos onde a vida, a saúde e o cuidado acontecem. Ou não acontecem, o que se constitui na negação do direito humano e constitucional de saúde para cada pessoa e para toda população. Quando acontecem, representam travessias de fronteiras entre o direito previsto e o cuidado integral, entre saúde e cidadania¹.

O tema não é pouco relevante e falar em “diálogos interprofissionais” em tempos de exceção é uma ousadia

forte. Não há democracia sem práticas dialógicas. Não há democracia sem possibilidade de expressão de ideias e pensamentos eticamente sustentados. Não há democracia sem cuidado em liberdade. Não há democracia sem liberdade de cátedra e autonomia das instituições de ensino. Não há democracia sem uma institucionalidade que a sustente. Não tem havido democracia no nosso cotidiano. Mas democracia também é resistência democrática. E diálogos são uma forma muito potente de institucionalidade. Essa é uma parte do que faz com que programas de pós-graduação na área da saúde coletiva e em área profissional da saúde estejam presentes na rede de sustentação do programa ***Diálogos Interprofissionais sobre a Formação na Saúde***. O fazer docente, a liberdade de cátedra, a função social das universidades e as conexões entre a formação e o trabalho no SUS estão no campo de formulações e práticas dos nossos programas e do campo da Saúde Coletiva². Ou deveriam estar. Quando não estão, também ilustram a quebra da institucionalidade democrática sobre a qual a ideia de país está construída na Constituição Federal de 1988.

Desde as clássicas contribuições de Marina Peduzzi³ às análises sobre o trabalho em equipe, o diálogo como práticas intensivas de comunicação como integração e como articulação do trabalho é definidor da caracterização da equipe e da eficácia do trabalho. É um desafio

que mobiliza intensivamente a formação dos trabalhadores e que diferencia experiências mais visíveis de aproximação com os desafios da legislação vigente⁴ e do trabalho necessário no cotidiano dos serviços⁵, no Brasil e em diferentes países, sobretudo naqueles com sistemas de saúde universais e capazes de respostas complexas⁶.

Há muito o que dialogar para desenvolver o trabalho e a educação na saúde, há muitos temas que estão pendentes nesse diálogo e há muitas travessias que ainda precisamos fazer. A travessia entre a crise civilizatória e a democracia, entre a educação tecnocrática e a formação profissional para a integralidade, entre a densidade tecnológica que alcançamos e a complexidade dos problemas e das necessidades de saúde nos territórios. E, portanto, esse é um assunto que também precisa pertencer, cada vez mais, à pós-graduação na saúde. Esse tema precisa atravessá-las e colocar em análise as políticas de ensino e a sua conexão com estratégias pedagógicas e com o cotidiano do trabalho.

Foi por esse motivo que os Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCol/UFRGS), em Saúde da Família da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (PPGSF/INISA/UFMS) e em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFGPA) se associaram ao conjunto de associações, entidades e instituições de ensino que apoiaram a produção dos **Diálogos Interprofissionais sobre a Formação em Saúde**, seja com

trabalho docente e discente, seja com produções no campo da pesquisa e da extensão, ou, mesmo, com relatos de iniciativas de ensino, sempre com as tensões do tripé ensino/pesquisa/extensão na mobilização dialógica para o cumprimento da função social da universidade.

Nos diversos *Diálogos* realizados na “primeira temporada”, foram debatidas muitas temáticas relevantes para a inclusão social e avanços na equidade de pessoas e grupos sociais, na análise de políticas e ações da sociedade e dos governos nos campos em análise, na descrição dos efeitos da pandemia na vida das pessoas e nas ações educativas no ambiente escolar e nos campos de interação com o trabalho nos territórios, na denúncia das práticas genocidas e de violência institucional e interpessoal aos trabalhadores da saúde e da educação, nas ações de extermínio e exclusão de pessoas e grupos. O trabalho e a educação em saúde não se tornaram apenas objetos de análises, de políticas e de iniciativas. Tornaram-se também observatórios das práticas civilizatórias do cotidiano, que têm sempre relações de condicionamento e determinação com a produção de saúde e, portanto, devem ser objeto de diálogos na formação na saúde.

Apresentar o catálogo também nos permite reiterar o convite a reencontrar os programas, os convidados, os temas e os debates da primeira temporada. A produzir novos diálogos com cada um daqueles programas, que mantém uma impressionante atualidade. Nos permite também apontar à

necessidade e à oportunidade que àquela sucedam novas temporadas, novos diálogos e novas formas de resistência. Que, afinal, a potência do encontro da educação e da saúde não é apenas os diálogos que se pode produzir. Mas de renovar a esperança e o desejo de seguir avançando, na travessia dos tempos de retrocesso conservador e das lacunas entre as condições de vida e

das formas de bem viver, onde o trabalho interprofissional na saúde pode afirmar movimentos de conquista, de liberdade e de democracia. Que a esperança é ontológica no humano e desafio indissociável das práticas de ensino e aprendizagem, pelo que nos ensinou Paulo Freire ao longo de sua vida.

Referências:

1. CECCIM, R. B.; FERLA, A. A. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trab. Educ. Saúde**, v. 6, n. 3, p.443-456, nov.2008/fev.2009. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/tes/v6n3/03.pdf>.
2. FERLA, A. A. O desenvolvimento do trabalho na atenção básica como política e como efeito pedagógico inusitado: movimentos do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica. Em: AKERMAN, M. et al. (Org.). **Atenção básica é o caminho! Desmontes, resistência e compromissos**. A resposta do Programa de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB) para a avaliação da Atenção Primária em Saúde. São Paulo: Hucitec, 2020. P. 94-124.
3. PEDUZZI, Marina. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 103-109, fev. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102001000100016>.
4. DÍAS, Miriam Thais Guterres (org.) et al. **Quando o ensino da saúde percorre territórios**: dez anos da Coordenadoria de Saúde. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2020. (Coleção Vivências em Educação na Saúde). E-book (PDF). ISBN 978-65-87180-09-0. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/quando-o-ensino-da-saude-percorre-territorios-dez-anos-da-coordenadoria-de-saude/>
5. POSSA, Lisiane Bôer (org.); et al. **Dimensionamento da força de trabalho em saúde**: gestão em ato e territórios em diálogo. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2020. (Coleção Interloções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde). E-book (PDF). ISBN 978-65-87180-11-3. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/dimensionamento-da-forca-de-trabalho-em-saude-gestao-em-ato-e-territorios-em-dialogo/>
6. PADILLA, Mònica. Dimensionamiento de la fuerza laboral sanitaria: gestión en acción y territorios en diálogo. Em: POSSA, Lisiane Bôer (org.); et al. **Dimensionamento da força de trabalho em saúde**: gestão em ato e territórios em diálogo. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2020. Pág. 8-11.

Aline Blaya Martins é professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCol/UFRGS);

Adriane Pires Batiston é professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (PPGSF/INISA/UFMS);

Alcindo Antônio Ferla é professor dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFRGS), Saúde da Família (UFMS) e Psicologia (UFPA) e coordenador do eixo estratégico de educação da Associação Brasileira da Rede Unida.

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira é professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

APRESENTAÇÃO

DIALOGANDO SOBRE A FORMAÇÃO PARA REFLETIR SOBRE AS PRÁTICAS NO COTIDIANO

Alcindo Antônio Ferla

Vera Maria da Rocha

Francisca Valda da Silva de Oliveira

Francisca Rego Oliveira de Araújo

Lorrainy da Cruz Solano

Sônia Maria Lemos

O catálogo da primeira temporada do programa *on line* “**Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde**” chega até você para permitir que os programas sejam acessados. Estão gravados e disponíveis no ambiente do Youtube da TV Rede Unida e, para acessá-los, basta acionar o link que inserimos em cada episódio. No catálogo, fazemos uma pequena descrição dos temas tratados em cada programa e uma breve apresentação dos participantes.

A invenção do programa foi motivada pela sensação de que, nos últimos anos, mas sobretudo no período da pandemia de COVID-19, os debates sobre a formação na saúde foi perdendo o fôlego que havia no início dos anos 2000, principalmente com a formulação e

início da vigência das primeiras Diretrizes Curriculares Nacionais da Saúde. No período da formulação das DCN dos cursos da saúde, o “movimento” de aproximação com o cotidiano do Sistema Único de Saúde (SUS) foi bastante expressivo e, no seu bojo, explicitou diferentes modelagens pedagógicas para a formação. A aprendizagem no/pelo cotidiano do trabalho vem sendo proposta como *política de aprendizagem* para o SUS por considerar a relevância e a complexidade do trabalho na saúde, que não se esgotam no conhecimento e na técnica já disponíveis, embora tenham fundamental importância para embasar as práticas. Mas é preciso, para o desenvolvimento do trabalho, que essa complexidade seja tomada

pelos seus agentes, as pessoas que executam esse trabalho no cotidiano, produzindo novos conhecimentos e tecnologias locais, com a potência de cada território e serviço e das redes de saberes locais que só o cotidiano consegue agenciar¹.

A Educação Permanente em Saúde², como política de desenvolvimento do trabalho no SUS, coloca-se também como política de aprendizagem no cotidiano do trabalho. Portanto, desde a primeira versão do documento de orientação, que contém a primeira Portaria que lhe dá origem (Portaria GM/MS nº 198, de 13 de fevereiro de 2004, que institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde como estratégia do Sistema Único de Saúde para a formação e o desenvolvimento de trabalhadores para o setor e dá outras providências) e a Resolução do Conselho Nacional de Saúde que, no exercício das suas competências formais, aprova essa iniciativa, a relação entre o trabalho e a educação na saúde tem, na aprendizagem e, portanto, na interseção entre as duas áreas (de conhecimentos e práticas), seu polo de desenvolvimento.

Não é apenas ao trabalhador vinculado aos serviços e redes de atenção que essa formulação diz respeito, mas a aprendizagem do trabalho em saúde como um todo. A Política de Educação Permanente em Saúde faz um duplo movimento com o ensino da saúde e, particularmente, com a formação dos profissionais para o setor sanitário. Um primeiro movimento é a afirmação, uma vez mais, do que a

Constituição Brasileira já determinava desde 1988, que a formação profissional é competência do setor saúde, compartilhando prerrogativas com a regulação educacional propriamente dita. Um segundo movimento é o reconhecimento que, diante de uma condição de complexidade, a aprendizagem nos cenários de práticas, ou seja, nos pontos onde o trabalho em saúde se realiza objetivamente (como atenção, como gestão, como participação e/ou como formação) não é apenas para o adestramento de habilidades técnicas ou operacionais, pela escala ampliada de procedimentos realizados. A aprendizagem nos cenários de prática é, também, a produção de novos conhecimentos e a qualificação e o desenvolvimento do trabalho. A aproximação entre o ensino da saúde às diferentes profissões e o Sistema Único de Saúde, sobretudo nos territórios da atenção básica, não pretende apenas, nem predominantemente, o desenvolvimento da habilidade técnica, senão da inteligência do trabalho, da capacidade de aprender a aprender e a tomar decisões, de reconhecer o SUS e as diferentes saúdes que pedem passagem nos territórios. Coloca-se, portanto, um desafio ao trabalho e aos serviços de saúde, de constituir-se como escola de saúde em tempo integral e indissociável com os fazeres do cotidiano. Mas também se coloca um desafio às instituições de ensino, ao trabalho docente e à atuação discente, que é de comprometer-se com o desenvolvimento do trabalho no SUS e interagir com a política nacional de saúde, com o Sistema Único de Saúde, como conquista

social, e com a saúde de cada pessoa – e de todas as pessoas que circulam pelos diferentes territórios – como direito humano.

Ou seja, a Política de Educação Permanente em Saúde assume que os pontos de atenção em cada território também são “observatórios de saúde e dos processos civilizatórios” que produzem saúde ou adoecimento em cada localidade³. Há, portanto, mais do que metodologias e tecnologias a serem adotadas para a aproximação entre o ensino e os serviços no cotidiano: a aprendizagem no cotidiano é embasada em tecnologias leves⁴, de natureza relacional, que são desenvolvidas em ato, com presencialidade integral (razão, emoção, disposição ética, criação e compromisso político com a vida em cada território e sua expressão em qualidade e felicidade). Não há produção de saúde se não houver produção estética da gestão e do cuidado, assim como a reinvenção de si e do próprio trabalho⁵. A educação permanente em saúde, assim como as DCN para os cursos da área da saúde, compartilha do paradigma contemporâneo da aprendizagem baseada em sistemas⁶, que substituiu a transmissão disciplinar, assentada no ensino catedrático, e, mesmo, a aprendizagem baseada em problemas do ensino colaborativo, para resumir essa breve análise ao período pós-flexneriano, que foi recuperado e recolocado como se o tempo voltasse e, sobretudo, se não tivéssemos aprendido nada em 110 anos. Aqui, não queremos polemizar com o passado, apenas retomar o desenvolvimento social e histórico

do ensino e do trabalho na saúde, como nos alertava Maria Cecília Donnangelo desde os anos 1960⁷, e registrar que o ensino embasado em sistemas, sobretudo nos lugares de complexidade socio-sanitária como os pontos de atenção básica nos territórios, justamente pela sua complexidade, tem condições de desenvolver capacidades profissionais ao mesmo tempo locais e globais.

O ensino embasado em sistemas também é contemporâneo às ideias que, desde o Canadá do Ministro Lalonde, em 1974, reconhece que os sistemas e serviços de saúde e a forma com que se relacionam com cada território são condicionalidades para os níveis de saúde de uma população⁸.

Pois com base na compreensão do acúmulo social e histórico da formação das profissões da saúde é que nos inquietávamos com o silêncio dos debates, agravados pela entrada no período de enfrentamento à pandemia, onde o Brasil foi acumulando evidências de uma incapacidade forte de responder de forma unificada e articulada nacionalmente, mas, ao mesmo tempo, com respostas determinadas no âmbito de sistemas locais de saúde e de serviços e redes territoriais. Sem contar a vitalidade das instituições de pesquisa e desenvolvimento, e do trabalho de pesquisadoras e pesquisadores, que desenvolveram equipamentos, estudos e vacinas em tempo recorde, muitas vezes enfrentando o descrédito promovido por autoridades e instâncias governamentais e pelo

negacionismo que contagiou parcela da sociedade brasileira.

Nossa questão era de que, justamente em períodos de crises sanitárias, como essa representada pela pandemia, o trabalho essencial de pessoas atuando nos serviços de saúde e demais áreas que apoiam diretamente a vida de todas as pessoas, necessitam ser preservados e ensinados. Sim, o período de crise sanitária é um período em que não se pode suportar o silêncio da formação na saúde. É preciso que os trabalhadores da saúde das novas gerações tenham mais capacidade de enfrentar pandemias das próximas gerações tenham, desde o cotidiano do trabalho na atenção e na gestão, uma cultura mais eficiente de segurança (para si e para as pessoas usuárias dos serviços de saúde), uma capacidade mais forte de enfrentar o negacionismo e as notícias falsas no cotidiano do território e de agir, rapidamente, no contexto dos sistemas e serviços.

A experiência da pandemia foi dramática e dolorosa para o Brasil e para nossa gente. Entretanto, não nos pareceu possível compactuar com o silêncio e com as iniciativas de atenuar a capacidade da ciência e do

trabalho em saúde para enfrentar a pandemia. Vimos autoridades governamentais pronunciando discursos genocidas, que afetaram também os trabalhadores. A irresponsabilidade na condução das políticas públicas e os projetos de objetualização e privatização da vida não são compatíveis com a base ética e legal do sistema de saúde brasileiro.

Inventamos o programa on line “Diálogos interprofissionais de saúde”, para falar sobre todos esses temas. Mas, principalmente, para colocar o tema da formação e do trabalho em saúde em circulação. Os episódios da primeira temporada foram sendo planejados e produzidos a partir de temáticas que se fizeram emergentes no contexto da pandemia. Foram oito episódios com aproximadamente 20 horas de programação, que alcançaram aproximadamente 3 mil visualizações, estimulando-nos à segunda temporada.

Enquanto materializamos essa possibilidade, com nossa rede importante de parcerias, oferecemos a possibilidade de que os programas sejam acessados e utilizados. Que sigam *funcionando*.

Referências:

- ¹ CECCIM, Ricardo Burg; FERLA, Alcindo Antônio. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trab. educ. saúde** [online]. 2008, vol.6, n.3, pp.443-456. ISSN 1981-7746. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462008000300003>.
- ¹ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Política de educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente em saúde: pólos de educação permanente em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde.** – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica2_vpdf.pdf

- ¹ FERLA, AA; MARTINO, A; MERHY, EL; BAPTISTA, GC; SCHWEICKARDT, JC; NICOLI, MA; PEREIRA, MGA; FERREIRA, MR; OROZCO-VALADARES, MA; CECCIM, RB; FRANCO, TB. Um paradoxo civilizatório: a pandemia como desafio ao ensino e trabalho na saúde e como afirmação das vidas. *Saúde em Redes*. 2020;6(Supl.2):1-6. DOI: <https://doi.org/10.18310/2446-48132020v6n2.3215q478>.
- ¹ MERHY, Emerson Elias. *Saúde: cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- ¹ FERLA, AA. Participação da população: do controle sobre os recursos a uma produção estética da clínica e da gestão em saúde. *Revista Physis*, Rio de Janeiro, 2004; 14(1), 85-108, jun.
- ¹ FRENK, J et al.. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. *The Lancet*. 2010;376:1923-1958.
- ¹ DONNANGELO, MCF. *Medicina e sociedade*. São Paulo: Pioneira; 1975.
- ¹ LALONDE, M. A new perspective on the health of Canadians. A working document. Ottawa: Government of Canada, 1974. Disponível em <https://www.phac-aspc.gc.ca/ph-sp/pdf/perspect-eng.pdf>

DIÁLOGOS INTERPROFISSIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO NA SAÚDE: UMA IDEIA EM REDE DE AUTORIAS

Alcindo Antônio Ferla

Vera Maria da Rocha

Francisca Valda da Silva de Oliveira

Francisca Rego Oliveira de Araújo

Lorrainy da Cruz Solano

Sônia Maria Lemos

Introdução:

A formação e o trabalho na saúde são temas de grande relevância no cotidiano dos sistemas e serviços de saúde e, no caso do Sistema Único de Saúde (SUS), a Constituição Brasileira atribui a eles um estatuto de relevância pública e de competência para seu ordenamento. O registro constitucional é resultado de um esforço grande de pessoas e instituições de inserir essa temática na agenda das políticas públicas, sobretudo no período da 8ª Conferência Nacional de Saúde e na mobilização da Comissão Nacional de Reforma Sanitária, sendo posteriormente também incorporado pela Assembleia Nacional Constituinte.

As experiências de Integração Docente Assistencial (IDA), de aproximações entre o ensino e os serviços e a atuação de associações de ensino e redes de articulação entre o ensino das profissões da saúde e os trabalhadores e movimentos sociais foram embriões para a formulação que obteve vigência no texto constitucional. Se a mobilização pela reforma dos serviços e sistemas de saúde teve estímulo em amplos movimentos internacionais, sobretudo no que se refere ao desenho de sistemas universais e com modelagens technoassistenciais com ênfase territorial, como a atenção básica em saúde, os avanços no campo do ensino das profissões têm uma característica mais singular.

Diversas iniciativas brasileiras de fortalecimento das bases conceituais do ensino das profissões da saúde, incluindo a formação técnica, das profissões com requisito de graduação e do ensino de pós-graduação, particularmente as residências, com redes de cooperação internacional, tiveram visibilidade no final do Século passado e explicam a força da ideia da formação profissional orientada pelas necessidades do sistema de saúde.

No período posterior à Constituição, tivemos diversas iniciativas muito relevantes, de projetos de indução à mudança na formação, de mudanças nas bases legais que orientam os cursos da área da saúde (dos currículos mínimos para as Diretrizes Curriculares Nacionais, por exemplo), a criação das Residências em Área Profissional da Saúde (uni e multiprofissionais), uma política de educação e desenvolvimento do trabalho em saúde, entre outros. Também algumas mudanças institucionais muito significativas, como a articulação mais intensa, no âmbito da gestão do SUS, entre a gestão do trabalho e da educação na saúde, e aproximações mais construtivas entre os Ministérios da Saúde e da Educação, por exemplo.

Entretanto, em tempo recente, há uma sensação de esgotamento por asfixia de parte significativa das iniciativas. Um ceticismo generalizado parece esvaziar a potência do desejo que tornou possíveis os avanços incontestes do período anterior. Há necessidade de revitalizar o desejo e tornar visíveis as iniciativas locais, que se

multiplicam em todo o país, muitas vezes de forma isolada, uma vez que os mecanismos institucionais de articulação estão momentaneamente atenuados. A pandemia de COVID-19 constituiu visibilidade sobre o trabalho na saúde, mas deixou em suspenso as estratégias de resistência que vinham sendo articuladas pelas organizações, movimentos e atores desses processos de mudança e vitalização do ensino e de desenvolvimento do trabalho na saúde.

Nesse contexto, apresentamos o projeto de um programa virtual, para debater ideias, formular novos conceitos e tornar visíveis as experiências, que se multiplicam no Brasil e que mobilizam redes locais e locais regionais para a defesa do SUS. Defesa também com base em uma formação tecnicamente qualificada, eticamente sustentada e capaz de produzir saúdes e ampliar a qualidade da vida de todos e todas, assentada na equidade e na diversidade epistemológica que caracteriza a nossa diversidade de pensamentos e a história de grupos e setores da sociedade. Nesse contexto, produzir saúde é também, necessariamente, tornar visíveis condições de vida e saúde submetidas a determinações que não são prioritariamente biológicas, mas construídas e mantidas socialmente. A formação e o trabalho na saúde são componentes fundamentais para o engendramento de uma atenção à saúde mais inclusiva e capaz de fortalecer o SUS e cada vida singular. Por isso avaliamos que dialogar sobre a formação e o trabalho em

saúde é oportuno, necessário e impostergável, no momento atual.

Propomos fazê-lo em rede com atores e organizações que tenham essa disponibilidade e que se fizeram presentes na luta histórica do Movimento Sanitário e em defesa do SUS. A iniciativa se assenta em pessoas comprometidas, universidades, serviços de saúde,

gestores e o movimento social, reunindo-os em torno de temas que possam qualificar positivamente a formação e a atenção em saúde. Com trabalho cooperativo, as atividades dessa rede pretendem estimular estudos, pesquisas e ações que fortaleçam os princípios democráticos, o direito à saúde e a cidadania.

Objetivo

Promover diálogos interprofissionais sobre a educação e trabalho na saúde, entre os atores envolvidos nos processos de formação, gestão e participação social particularmente formação superior das mais diversas

profissões e áreas relacionadas. Entende-se saúde como direito de todos e de todas e dever do estado e ação de relevância pública, tal qual está registrado na Constituição Brasileira.

Aspectos operacionais

Buscando ampliar o debate de forma participativa e colaborativa e dar visibilidade aos temas da educação e da saúde, a organização inicial do programa tem a iniciativa da Rede Unida, por meio do eixo estratégico de educação na saúde, da Abenfisio, de atores vinculados a outras associações de ensino e executivas dos estudantes. A institucionalidade não é o fator predominante na iniciativa, senão o objetivo de formar uma rede desejante de pensamentos e iniciativas para fortalecer o movimento de mudanças na formação técnica e profissional na saúde, no sentido de uma formação de excelente qualidade técnica e voltada para a dimensão social da produção da saúde, com o desenvolvimento de capacidades profissionais para a atuação real nos contextos de diversidade territorial de grande complexidade que

caracterizam os sistemas e serviços de saúde.

O programa virtual se concretiza por meio de um programa quinzenal, inicialmente transmitido pelo Canal TV Rede Unida e por tantos outros canais de transmissão que o desejem, ao qual denominamos ***Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde***. Há uma dupla dimensão no nome escolhido: a dimensão do trabalho interprofissional, como indicação de um conjunto de mudanças necessárias à formação, quando pensada a partir do trabalho; e a formação propriamente dita, como aprendizagem ativa, como integração com o sistema local de saúde para o trinômio ensino-pesquisa-extensão, como desenvolvimento de capacidades profissionais ampliadas de

intervenção nos territórios, de produzir atenção integral e de

reconhecer o SUS como ordenador do trabalho e conquista social.

Dinâmica

- Programas de debates quinzenais, às quintas-feiras, com duas horas de duração, das 19:00h às 21:00h.
- As sessões serão organizadas a partir de convidados para ativar a conversa e será observada a dinâmica de intercâmbio com os demais participantes.
- Inclusão de convidados com notório saber e/ou viver, com temas previamente definidos entre os promotores, com caráter interprofissional e com a participação de movimentos sociais, outros segmentos e temas que possam compor a intersectorialidade na saúde.
- A organização do programa inclui um convite à adesão de novos parceiros, com divulgação prévia na página eletrônica da Rede Unida e nas redes sociais das instituições parceiras.
- Os programas incluirão uma bancada com um mediador e dois ou três diferentes parceiros(as), considerando as associações de ensino / movimentos sociais/ executivas estudantis e, poderão ser incluídos outros participantes, convidados e/ou representantes legais ou indicados pelas instituições e entidades associativas.

Plataforma de acesso

TV Rede Unida. (<http://www.redeunida.org.br/pt-br/>). A programação será desenvolvida preferencialmente

ao vivo, utilizando a infraestrutura de produção e divulgação da TV Rede Unida.

Divulgação e acesso

Os programas serão divulgados nos mais diferentes canais de comunicação, de acesso aberto e livre a participação da comunidade acadêmica, profissional e demais

setores interessados na construção de um debate fundamentado sobre a formação de profissionais de saúde, o SUS, as práticas de cuidado e a participação e controle social.

Apoiadores:

- Associação Brasileira da Rede Unida (Eixo Educação);
- Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM);
- Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN);

- Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO);
- Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP);
- Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho do Conselho Nacional de Saúde (CIRHRT/CNS);
- Escola de Saúde Pública do Mato Grosso (ESP/SES/MT);
- Executiva Nacional de Estudantes de Fisioterapia (ENEFI);
- Hospital Maternidade Almeida Castro, Mossoró/RN;
- Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade Estadual do Amazonas (LAAIS/UEA);
- Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba (NESC/UFPB);
- Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família do Instituto Integrado de Saúde da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (PPGSF/INISA/UFMS);
- Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCol/UFRGS);
- Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP-UFPA);

REALIZAÇÃO: TV Rede UNIDA

<http://www.redeunida.org.br/pt-br/>

Ficha técnica:

Programa “Diálogos Interprofissionais sobre a Formação na Saúde. Coordenação geral: Alcindo Antônio Ferla (Editora Rede UNIDA); Fabiano Gomes Miranda Pereira (ENEFI); Francisca Valda da Silva de Oliveira (ABEN); Francisca Rego de Oliveira Araújo (ABENFISIO); Vera Rocha (ABENFISIO); Lorrainy Solano (Hospital Maternidade Almeida Castro/RN); Sônia Lemos (ABEP), Manuelle Matias (ANPG) e colaboradores. TV Rede Unida: Coordenação Rede Unida – Túlio Franco; Apoio Técnico: Daniel Bastos.

SEÇÃO 1
OS EPISÓDIOS DA SÉRIE



(Créditos: arte do folder digital para divulgação dos episódios realizada por Fabiano Gomes Miranda Pereira)

PROGRAMA 1

CRISE CIVILIZATÓRIA E FORMAÇÃO NA SAÚDE: O QUE ESTAMOS CONSTRUINDO NA PANDEMIA?

Sinopse:

Programa de 138 minutos.

Programa de abertura da temporada, realizado e transmitido ao vivo pela TV Rede Unida, em 03/09/2020, às 19:00h. A abertura do Programa foi realizada pelo Coordenador Nacional da Associação Rede Unida, Prof. Túlio Batista Franco, que inaugura essa nova série dentro da Programação da TV Rede Unida, a qual se propõe dar foco à formação, trabalho, gestão e participação social na saúde e à defesa incondicional ao SUS.

O Programa é apresentado em três blocos, sendo um primeiro momento para que cada convidado exponha suas ideias sobre o tema; é sugerida uma reflexão sobre a crise e as repercussões no SUS e, por fim, os desafios e perspectivas da formação diante desses desafios. “Diálogos” estreia com a moderação de **Alcindo Antônio Ferla** e com a participação da enfermeira **Francisca Valda**, da médica **Sheila Medeiros de Souza** e

do estudante de Fisioterapia, **Fabiano Gomes Miranda Pereira**.

Alcindo Ferla, editor chefe da Editora Rede Unida e um dos proponentes dos “Diálogos Interprofissionais sobre a Formação na Saúde”, faz inicialmente algumas reflexões sobre o processo de origem do Programa – inquietação coletiva, necessidade de promover o debate e fortalecer a aliança entre formação e as práticas de cuidado em saúde no cotidiano e, os desafios de uma contemporaneidade em crise, incluindo a Pandemia provocada pelo SARSCov-2.

Ao apresentar o programa, Alcindo destaca o momento emergencial que atinge a saúde e a educação; a criação de um falso antagonismo entre trabalhadores e estudantes; algumas diferenças entre Ensino na Modalidade à Distância (EAD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) a serem consideradas; o momento negacionista e genocida que estamos vivendo e essa experiência

existencial (pandemia) que afeta o caráter “essencial” da formação na saúde. Que formação queremos para os novos profissionais que vivem esse momento crítico? Qual o novo paradigma que deve orientar o processo formativo? Que desafios a crise coloca diante de todos e todas nós, seja no campo da formação, seja na atenção em saúde, seja na participação social? Alcindo faz a estreia do programa e inicia a série sob a “inspiração freiriana”, citando o Patrono da Educação Brasileira - Paulo Freire, no convite para “esperançar”. Assim chama a primeira convidada: Francisca Valda da Silva Oliveira.

A enfermeira, professora, militante, cidadã **Francisca Valda**, presidente da Associação Brasileira de Enfermagem, traça uma análise crítica no processo de evolução da educação e do trabalho em saúde, particularmente. Destaca que muitas das mazelas brasileiras são anteriores ao período pandêmico e são decorrentes de medidas governamentais arbitrárias. Lança forte crítica a atual gestão nacional da saúde brasileira que, em meio a uma Pandemia, não apresenta um plano de contingência.

Exercendo a coordenação da CIRHRT/CNS, Francisca Valda traz para o debate aspectos do trabalho em saúde, da legislação e dos impactos do subfinanciamento na saúde. Chama para possibilidades de ações coletivas, redes, movimentos que só poderão ser realizados com o conjunto de atores que tem o SUS e a utopia que eles nos levam a construir como ideais. Uma reflexão inicial para

“transformar indignação em ação, medo em coragem” diz Valda.

A médica **Sheila Medeiros de Souza**, profissional de serviço e preceptora da Residência de Medicina de Família e Comunidade, no município de Natal/RN, sente-se ocupando um espaço de muita responsabilidade, tanto no cenário da educação como da saúde. A formação em serviço no cenário do SUS, demandado pela residência num período pandêmico, traz desafios para o desenvolvimento de competências e habilidades do profissional a ser formado.

Em sua fala, apresenta os desafios e aponta possibilidades de superação, sempre apostando na formação interprofissional, na Atenção Primária em Saúde e no Sistema Único de Saúde. Destaca, com respeito e reconhecimento a ação de cada um dos profissionais da saúde que estão trabalhando nas linhas de frente, nas equipes de saúde da família e no NASF, dispostos à aprendizagem diante da crise vivenciada.

Fabiano Gomes Miranda Pereira, estudante de Fisioterapia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), também representa nacionalmente o movimento estudantil da Fisioterapia (Executiva Nacional dos Estudantes de Fisioterapia (ENEFI) e traz reflexões importantes sobre as lutas na formação, destacando o programa como um espaço para “aprender a aprender”. O momento de incertezas trazido pelas crises que atualmente estamos vivendo (econômica, sanitária, social) também provoca uma crise de valores, reflete o

estudante. Como o Prof. Alcindo, Fabiano também traz para a conversa ensinamentos de Paulo Freire sobre a força libertadora da educação e sobre a necessidade de sair da zona de conforto para a construção da mudança que queremos e tanto precisamos.

Durante o “Diálogos” houve debates e destaques às participações dos internautas *on line*, numa dinâmica de interlocução com aqueles que interagem durante a *live*.

Acervo:



Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=EkwsdrJ83yk&t=4s>

Participantes:



FRANCISCA VALDA DA SILVA DE OLIVEIRA:

Enfermeira, Professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN); Coordenadora da Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho (CIRHRT) do Conselho Nacional de Saúde (CNS).



SHEILA MEDEIROS DE SOUZA:

Médica; Preceptora da Residência de Medicina de Família e Comunidade; Tutora de Prática do Internato de Medicina da Universidade Potiguar; Preceptora do Internato de Medicina de Família e Comunidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte



FABIANO GOMES MIRANDA PEREIRA:

Estudante do Curso de Fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Coordenação da Executiva Nacional dos Estudantes de Fisioterapia (ENEFI);

MEDIAÇÃO:



ALCINDO ANTONIO FERLA:

Médico, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFRGS), de Psicologia (UFPA) e Saúde da Família (UFMS). Representante da Rede Unida junto a Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho do Conselho Nacional de Saúde (CIRHRT/CNS).

PROGRAMA 2

APRENDER COM A PRÁTICA DURANTE A PANDEMIA: CUIDADO INTEGRAL OU VIRTUAL?

Sinopse:

O segundo programa “Diálogos”, realizado e transmitido ao vivo pela TV Rede Unida, em 17/09/2020, às 19:00h traz como tema o “aprender com a prática” e cria um questionamento sobre as atuais modalidades de encontros na educação e no cuidado em saúde trazidos pela pandemia. Busca com a participação das convidadas **Francisca Rego Oliveira de Araújo**, **Silvia Aparecida Tomaz** e **Manuelle Matias**, mediadas por **Francisca Valda da Silva de Oliveira**, debater a importância dos processos de aprendizagem que os tempos de crise provocam, bem como destacar experiências vivenciadas por profissionais, docentes e estudantes, na busca de uma formação e de um cuidado em saúde integrados, no e para o Sistema Único de Saúde.

A abertura do programa é realizada por **Alcindo Antônio Ferla**, que apresenta o tema destacando a proposta de mudança na formação

como importante estratégia para defesa do SUS e para a construção de novas saúdes. Ressalta a bancada feminina da noite, composta por mulheres “superpoderosas” na militância e na vida, que se reúnem para esse encontro. Com considerações pertinentes ao momento sociopolítico que estamos vivendo, desde a decretação da Pandemia. Alcindo transmite a palavra à Valda.

Francisca Valda da Silva, moderadora e, também, idealizadora do “Diálogos”, refere a importância do espaço de debates e o compromisso de irmos além do que está instituído, ou seja, destaca o caráter “instituinte” que nossas ações devem ter em busca de uma sociedade mais justa. Com a perspectiva de que as experiências das participantes possam ser provocadoras de novos movimentos e de ações capazes de enfrentar os problemas já existentes, desvelados pela pandemia, Valda ressalta os

desafios estruturais e históricos no campo da saúde, da educação e do mundo do trabalho; também faz referência ao momento pandêmico e às possíveis consequências da Emenda Constitucional 95, com cortes de recursos que deverão impactar todas as áreas de desenvolvimento e previdência social.

Há, na contextualização inicial, reflexões sobre os impactos do isolamento social decorrente das políticas de contenção da pandemia na área da educação, da saúde, do mundo do trabalho e das relações. Com a proposição de atividades remotas de ensino, em caráter emergencial (ERE), e com o fechamento temporário de muitas unidades de saúde e afastamento de profissionais, são muitas as questões problematizadas e geradoras de desafios: Formar em saúde à distância (EAD), é possível? Neste momento emergencial, que experiências pedagógicas são capazes de mobilizar nossos estudantes e docentes? Quais os principais desafios que o cotidiano dos serviços de saúde tem enfrentado e que aprendizagens são possíveis de serem construídas “em ato”? Para debater os temas as convidadas trazem suas experiências como profissionais, mas principalmente seus engajamentos como cidadãs em defesa da saúde pública e de uma educação para todos e todas.

Francisca Rego de Araújo, fisioterapeuta, representa um conjunto de profissionais de saúde e docentes em prática de cuidado e ensino, nesse momento de crise sanitária. Engajada nos movimentos

sociais é também uma das idealizadoras do “Diálogos”. Francisca fala desde a realidade de seu trabalho em um Núcleo de Apoio à Estratégia de Saúde da Família, em um território de saúde em Natal. Sua prática cotidiana é com cuidado (com matriciamento e, também, assistência) e com o ensino, na graduação. Como integrante de um NASF que “resiste” faz referência a uma portaria que descaracteriza os atuais NASF, destaca a importância da prática interprofissional para o cuidado integral das pessoas e como é possível aprender e cuidar em tempos pandêmicos. Francisca Rego ressalta a importância da presença dos profissionais nos seus locais de trabalho, no atendimento de demandas preexistentes à crise e que se somam à recuperação e/ou sequelas da SARSCoV-2. Aponta que mesmo diante dos riscos de contaminação, está sendo possível aprender em ato e ressignificar algumas práticas de cuidado.

Silvia Aparecida Tomaz traz sua prática na condição de gestora e diretora da Escola de Saúde Pública do Estado de Mato Grosso (ESP-MT) revelando como foi possível reorganizar as atividades da Escola nesse momento pandêmico. Os vários questionamentos trazidos pela pandemia mobilizaram os profissionais para a criação, junto à ESP/MT, de espaços virtuais de escuta para os trabalhadores que estão em práticas de cuidado. As perguntas e desafios são compartilhados e as soluções trazem mudanças nas práticas cotidianas, com destacada diversidade de aprendizado.

Manuelle Matias, doutoranda em Saúde Coletiva e militante SUS, de início já destaca o fato de a bancada ser formada por mulheres, num momento em que a luta contra as desigualdades se torna tão evidente. Como estudante da pós-graduação, traz suas experiências e algumas observações do espaço de formação até às práticas de cuidado, ressaltando o desafio de formar para o cuidado integral. Ao contextualizar o momento atual, faz algumas reflexões sobre a complexidade do fazer em saúde e a importância, já destacada pelas demais debatedoras, da formação interprofissional como modelo para

o aprender. Sugere a formação na diversidade e no encontro com o outro, alertando para a disputa de outros modelos que tentam tirar do SUS, práticas integrais de cuidado.

Partindo de suas experiências pessoais e profissionais, as participantes trazem reflexões sobre o aprender a aprender e como a crise descortina possibilidades e nos desafia para mantermos o SUS como o cenário de formação.

As participações *on line*, durante o programa, enriquecem o debate com questionamentos e considerações importantes sobre o tema.

Acervo:



Aprender com a prática durante a pandemia: cuidado integral ou virtual? - TV REDE UNIDA

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=ctUf18OUHH0&t=30s>

Participantes:



FRANCISCA REGO OLIVEIRA DE ARAÚJO:

Fisioterapeuta, Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB Nazaré/Natal/Rio Grande do Norte); Professora do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN); Representante da Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO), junto aos “Diálogos Interprofissionais sobre a formação na saúde”.



SILVIA APARECIDA TOMAZ:

Assistente Social, Mestre em Saúde Pública com ênfase em Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde pela Fiocruz; Diretora da Escola de Saúde Pública do Estado de Mato Grosso (ESP/MT).



MANUELLE MATIAS:

Enfermeira; Vice presidenta da Associação Nacional de Pós-Graduação; Doutoranda em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ; Conselheira Nacional de Saúde.

MEDIAÇÃO:



FRANCISCA VALDA DA SILVA DE OLIVEIRA:

Enfermeira; Professora Aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN); Coordenadora da Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho (CIRHRT) do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

PROGRAMA 3

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM TEMPOS DE COVID-19: COMO ESTÁ O COTIDIANO?

Sinopse:

“Diálogos” continua seus debates e provocações com a terceira edição do Programa, ao vivo, dia 01/10/2020, às 19:00h, na TV Rede Unida. Nesse encontro, o tema foi a aprendizagem significativa em tempos de pandemia, com as convidadas Beatriz de Oliveira Azevedo (estudante de Farmácia), Sônia Maria Lemos (Professora), Samantha Stieven (Residente da Psicologia) e o convidado Ricardo Burg Ceccim (Educador e Sanitarista), com a mediação de Vera Rocha (Fisioterapeuta). Foram produzidas reflexões sobre o processo de aprender e ensinar em tempos de pandemia.

O programa iniciou com a apresentação de um vídeo elaborado pela Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas, sob a coordenação da Professora Sônia Lemos, no qual os estudantes refletem e fazem refletir sobre o ensino remoto e suas dificuldades e

limitações para a formação em saúde no contexto atual.

Após o dispositivo inicial, com depoimentos muito relevantes feitos pelos estudantes das mais diversas profissões da saúde, **Alcindo Ferla**, também apresentador da edição, se refere aos lindos depoimentos e destaca três aspectos importantes: o cotidiano indicando possibilidades de aprendizagem; a pandemia que pode ser percebida e transformada em aprendizagem; o acesso às políticas públicas e a inclusão digital ainda não é realidade e é necessária em todo território nacional; e também destaca que a educação e a saúde são políticas estratégicas para o desenvolvimento do pensamento crítico que nos permite resistir nesses tempos de crise. A mediadora **Vera Rocha** reflete sobre esses disparadores e sobre o desafio colocado diante dos docentes e instituições de ensino pela crise sanitária, social e política vividas no Brasil.

A professora **Sônia Lemos**, uma das colaboradoras e construtoras do “Diálogos”, fala do lugar de psicóloga e docente de graduação, mais particularmente, como integrante do corpo da Saúde Coletiva. Ao refletir sobre o que a Pandemia tem provocado, destaca algumas “estratégias” que poderão ser criativas e transformadoras diante da realidade que não é equitativa e inclusiva. Chama a atenção para o papel do formador – não somente com os estudantes, mas também com os usuários, fazendo-nos pensar em que saúde queremos. Aposta na proposição de políticas de bem comum, que nos leve a pensar na diversidade, na busca de uma escuta construtiva, que nos permita a ação conjunta.

Estudante do Curso de Farmácia, **Beatriz Azevedo** representa a Executiva Nacional dos Estudantes de Farmácia (ENEFAR) e inicia sua reflexão trazendo o pensamento sobre nossa escolha pela área da saúde: “quando escolhemos saúde, escolhemos o outro”, diz ela. Como na fala dos demais estudantes, é destacada a questão emocional e relacional implicadas no processo de ensino/aprendizagem e que, na modalidade à distância, esses aspectos muitas vezes não vêm sendo considerados.

Samantha Stieven, residente da Psicologia na Residência Multiprofissional em Atenção Básica pela Universidade Federal da Fronteira Sul, traz boas reflexões sobre a importância do lugar que ensina em serviço – o espaço das residências. O inusitado trazido pelo momento da crise é muito provocador e desloca os

profissionais para uma nova forma de fazer e promover o cuidado.

Traz experiências interessantes de atividades e intervenções que foram implementadas nas unidades de saúde onde a residência se insere. A impossibilidade dos encontros presenciais provocou formas diferentes de interagir com os usuários e, em sua fala destaca as agendas via celular, mobilização dos grupos e novas formas de fazer o monitoramento das pessoas que requerem acompanhamento contínuo. Outro destaque é a disponibilidade dos profissionais em aprender a aprender, que também é um desafio.

Ricardo Burg Ceccim, Educador e Sanitarista, professor da graduação e da pós-graduação, também representa a Rede Unida. Ao iniciar sua fala, destaca o quanto foi tocado pelo vídeo inicial dos estudantes, referindo-se especialmente a uma delas que retrata o sentimento das pessoas durante a pandemia. Ricardo destaca também as presenças de pessoas e parceiros que acompanham “on line” o programa e o que elas provocam em nós, como nos afetamos, como mexem com nossas emoções – há um efeito corporal nesses momentos: há um encontro.

Sua fala reflexiva questiona como a crise nos provoca para utilizar recursos que estão sempre ali, presentes, mas que a urgência e a emergência (destaca a saúde mental) nos são permitidos acessar. Porém, destaca que há aspectos para os quais precisamos estar atentos para evitar os prejuízos da ausência de um acompanhamento sistemático de

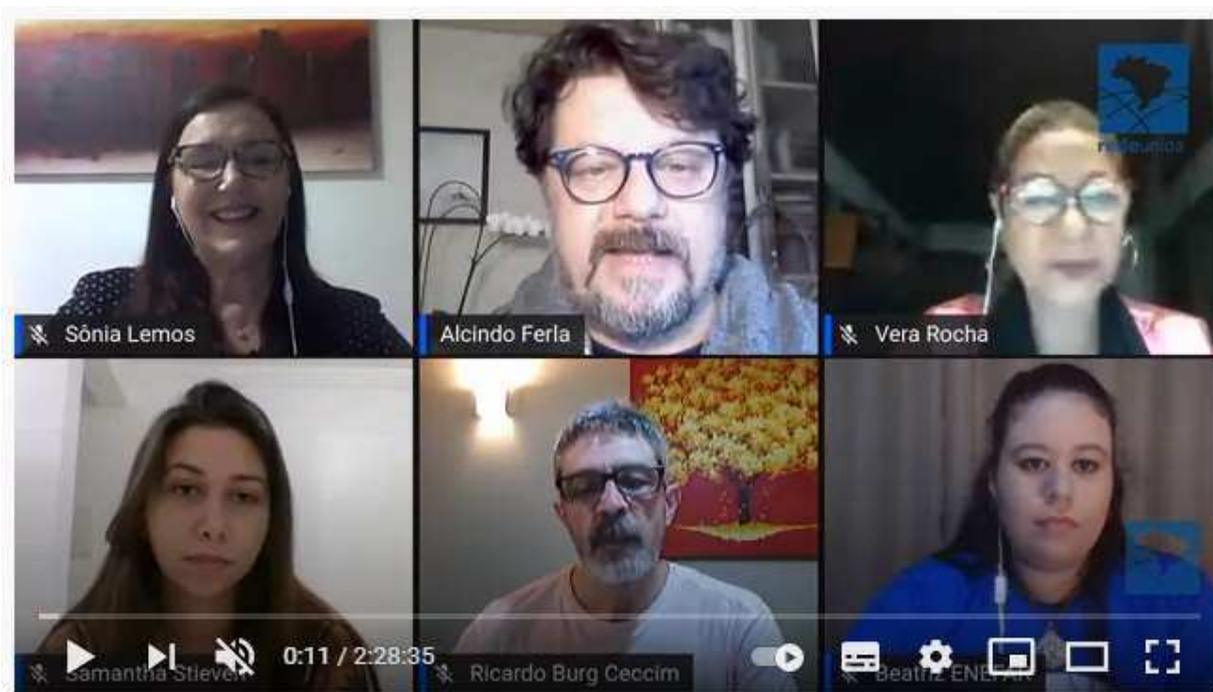
alguns usuários, dos estudantes e mesmo dos docentes.

Ao refletir sobre o processo de ensino, Ricardo questiona se a nossa questão é o conteúdo ou se são as provocações e convocações à aprendizagem? A volta ou não volta às aulas tem gerado algumas reflexões e a questão poderia ser: perder o ano de ensino ou segurar o percurso por conteúdos, ou se a questão é manutenção de uma relação com o ensino, relação com o processo pedagógico e os sentidos que a aprendizagem pode ter? Assim Ricardo e os demais debatedores interagem com os espectadores e trazem possibilidades de ações disponíveis para esse momento emergencial de ensino. O cotidiano e

a vida vivida trazem elementos capazes de “provocar” e disparar processos de aprendizagem e dar significado às trajetórias das pessoas durante o processo. Ricardo nos faz refletir sobre o adoecimento e usa uma poesia de Leminski, para nos fazer pensar: *“Um homem com uma dor é muito mais elegante, caminha assim de lado, como se chegando atrasado, andasse mais adiante”*.

A participação dos espectadores “on line” permitiu e ampliou o conjunto de questões que nos levam a refletir sobre a ativação da aprendizagem nesses tempos de pandemia, mas vai além, nos provocando para aprendizagens em outros contextos e realidades. E muito mais

Acervo:



Aprendizagens significativas em tempos de Covid-19: como está o cotidiano? - TV REDE UNIDA

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=vFdkwXDYvOA&t=3948s>

Participantes:



BEATRIZ DE OLIVEIRA AZEVEDO:

Estudante. Acadêmica de Farmácia da Universidade Federal do Amapá e da Fibrá. Coordenadora Geral da EREFAR Norte e Nordeste. Compõe a Direção da Executiva Nacional dos Estudantes de Farmácia. Ativista pela saúde e Feminista.



SÔNIA MARIA LEMOS:

Psicóloga. Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Coordenadora docente da Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da UEA (LAAIS). Membro da diretoria Ampliada da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP). Representante da ABEP na Câmara Técnica da CIRHRT/CNS.



SAMANTHA STIEVEN:

Psicóloga pela Universidade de Passo Fundo e Residente Multiprofissional em Atenção Básica pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).



RICARDO BURG CECCIM:

Educador e Sanitarista, Pós doutor em Antropologia Médica, Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – área de educação em saúde.

MEDIAÇÃO:



VERA ROCHA:

Fisioterapeuta; Educadora Física; Doutora em Educação. Professora Aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Representante da ABENFISIO junto aos Diálogos.

PROGRAMA 4

FORMAÇÃO NO E PARA O SUS: O QUE NOS DIZEM OS QUE ESTÃO NA LINHA DE FRENTE

Sinopse:

O “Diálogos” desse dia 15 de outubro de 2020 é iniciado pelo companheiro Alcindo que destaca o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, especialmente quando comemoramos o Dia do Professor. Refere-se ao trabalho docente e a educação transformadora trazida por Paulo Freire que nos fazem acreditar que é possível mudar o mundo e que o trabalho docente é um trabalho de encontro, o encontro entre o trabalho e o ensino. Alcindo nos convida ao programa e para que possamos celebrar, em breve, a liberdade de pensamento e de produção; que possamos valorizar o ensino, a pesquisa e a extensão e a manutenção da autonomia universitária, garantida na Constituição como de relevância pública.

O tema é destacado nesse contexto atual, pandêmico, mas o que chama a atenção é a potência de aprendermos com as práticas desenvolvidas nos territórios do

cuidado. Dessa forma, a mediadora **Lorrainy Solano** é convidada para iniciar o debate, juntamente com a estudante **Vitoria Davi**, a enfermeira **Erika Formiga** e a residente **Mariele Salvi**.

Como na edição anterior, a abertura é apresentada com o “Cinema”, vídeo produzido pelos estudantes da **Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas**, sob a coordenação da Professora **Sônia Lemos**. Nele, os estudantes trazem depoimentos sobre suas expectativas de formação na graduação e as implicações da pandemia sobre seus processos singulares. A diversidade dos depoentes, seus lugares de vida, de experiências de cuidado e de formação, envolvida pelos sentimentos decorrentes da crise atual é evidenciada e provocadora de importantes reflexões.

A colega **Lorrainy**, traz sua experiência como enfermeira da ESF

- Zona Rural de Mossoró e apoiadora da gestão municipal na AB/SMS e, inicia o “Diálogos” recitando parte de um cordel elaborado por Paula Erica, intitulado “Cordel manifesto sem ação”, ressaltando a importância do SUS e dos saberes produzidos nos territórios de saúde. Após o vídeo elaborado pelos estudantes, Lorrainy traz alguns aspectos que nos afetam e chama a residente Mariele Salvi para o debate.

Mariele Salvi, farmacêutica, também é R2 da Residência Multiprofissional da Universidade Federal da Fronteira Sul/Passo Fundo/RS traz um pouco do histórico da Residência e reflete sobre a importância da formação em serviço, principalmente para a atividade na Atenção Básica. Na fala ela observa como a residência é importante para a compreensão da realidade dos serviços, dos fluxos, do funcionamento do sistema e das diferenças de cada território. Também destaca como a pandemia desafiou os profissionais para a criação de alternativas visando a manutenção dos vínculos e do cuidado em tempo de distanciamento social.

Como representante da União Nacional dos Estudantes, **Vitória Davi**, é estudante de Enfermagem e conselheira no Conselho Nacional de Saúde. Traz reflexões sobre as mudanças que a pandemia provocou e provoca no nosso comportamento social. Ela diz: a Pandemia passou a televisionar o que nós, envolvidos no controle social ou na área da saúde já presenciávamos, em proporções menores, mas nós já conhecíamos e já intervínamos em muitas situações. Outra questão importante que a

debatedora traz é sobre a condição do ensino remoto – quais os reflexos sobre nossa formação? Faz referência a grande diversidade e iniquidades que vivemos que implicam diretamente sobre o acesso e condições para esse ensino apoiado na tecnologia. Com uma fala crítica e objetiva, Vitória nos leva a pensar sobre a situação dos estudantes, suas demandas e dificuldades em tempos de pandemia e, também, resalta a importância da ciência produzida nas Universidades. “Ciência, tecnologia e educação são importantes para o nosso Sistema Único de Saúde”, diz a companheira.

A especialista em Saúde da Família/Vigilância em Saúde, enfermeira **Erika Formiga** traz com muita alegria e com a poesia sua experiência no trabalho junto aos estudantes e residentes. Relata a experiência como preceptora da Residência em Saúde Coletiva e do PET saúde em Crato/RN. O impacto da pandemia também levou a mudanças nos processos de intervenção e ações nas unidades em que estão inseridos. O uso das ferramentas tecnológicas e de comunicação foi intensificado junto aos profissionais, estudantes e usuários. Como toda a residência multiprofissional o compartilhamento e cooperação entre os participantes são destacadas pela preceptora e o grande desafio foi criar condições para estar mais próximo dos usuários. Relata a experiência da utilização do Rádio, Programa no “Rádio Carrapato” como forma de chegar aos diversos territórios e

mobilizar e manter os vínculos, o cuidado e o ensino.

As debatedoras evidenciam a importância da Atenção Primária em Saúde, do SUS, hoje e sempre e a necessidade do trabalho interprofissional que exige cooperação, compartilhamento e criatividade.

O debate é enriquecido pelas intervenções dos espectadores que questionam, exemplificam e complementam as informações e reflexões trazidas pelos debatedores, criando, *on line*, uma grande roda de conversa.

Acervo:



Formação no e para o SUS: o que nos dizem as(os) que estão na linha de frente da Covid-19?

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=1nTZdmJlEj8&t=6s>

Participantes:



MARIELE SALVI:

Farmacêutica (Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões-Campus de Erechim/RS); Mestrado Profissional em Saúde e Gestão do Trabalho pela Universidade do Vale do Itajaí- UNIVALI/Santa Catarina; Residente R2 da Residência Multiprofissional da Universidade Federal da Fronteira Sul/Passo Fundo/RS



VITORIA DAVI:

Estudante de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Conselheira Municipal e Nacional de Saúde. Diretora do Centro Acadêmico Livre de Enfermagem/UFSC.



ERIKA FORMIGA:

Enfermeira da Estratégia de Saúde da Família de Crato/ Ceará. Especialista em Saúde da Família/Vigilância em Saúde.

MEDIAÇÃO:



LORRAINY DA CRUZ SOLANO:

Enfermeira. Estratégia de Saúde da Família (ESF) Zona Rural de Mossoró, Apoiadora da gestão municipal na AB/SMS; Colaboradora das Residências em saúde; Coordenadora do Instituto de Ensino, Pesquisa e Extensão do Hospital Maternidade Almeida Castro/Mossoró/RN

PROGRAMA 5

DCN E A FORMAÇÃO EM SAÚDE EM TEMPOS DE PANDEMIA: O TERRITÓRIO COMO CENÁRIO

Sinopse:

O quinto programa “Diálogos”, realizado e transmitido ao vivo pela TV Rede Unida, em 29/10/2020, acontece durante a realização 14º CONGRESSO DA REDE UNIDA, às 16h de uma quinta-feira especialmente gratificante, por uma Távola com o tema “DCN's e a Formação em Saúde em Tempos de pandemia: o território como cenário”, com um forte desejo de conhecermos como a temática das Diretrizes Curriculares Nacionais acontece nas profissões da área da saúde e no contexto de pandemia ora vivenciado.

As representações de dez profissões buscam por meio das Associações Nacionais de Ensino e dos Conselhos Profissionais uma unidade em prol de uma formação com qualidade, que acontece no e para o SUS, pautada na necessidade de saúde da sociedade. Essa quinta edição do programa, mediada por Professor **Nildo Alves** e Professora **Francisca Rêgo** revela a importância do trabalho coletivo e da união das

profissões da área da saúde, visando uma graduação, com seus pilares de ensino, pesquisa e extensão de excelência para um cuidado em saúde que seja integral, interprofissional, no e para o Sistema Único de Saúde.

A abertura do programa é realizada por **Francisca Rêgo**, que comenta sobre a iniciativa, o desejo e a esperança de um movimento instituinte para dialogar sobre formação interprofissional na saúde. Ao apresentar o tema enfatiza a importância do momento para a formação do profissional de saúde e como potente estratégia para defesa e fortalecimento do SUS.

Nildo Alves saúda os participantes, nominando e os vinculando as suas entidades. Ressalta a necessidade e relevância do momento para um panorama das DCN no contexto de cada profissão e na importância para pensar estratégias que deem conta de pautas comuns para uma formação de qualidade.

A Profa. **Ângela Soligo**, pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia traz que as DCN da psicologia são de 2011 e que em 2017/2018 foram revisadas de forma ampla em todo país, aprovadas em 2019 pelo Conselho Nacional de Educação e aguardam a homologação pelo MEC, desde então. Reflete sobre o avanço desmedido da EaD na área da saúde e que o momento de pandemia contribuiu com a produção de documentos e recomendações enfatizando o que se admite de metodologia remota, mas que não abre mão de princípios fundamentais, direitos humanos, políticas de inclusão, atenção e respeito as diferenças e a diversidade, além de compromisso com as políticas públicas e uma formação presencial. Ademais, reafirma que a psicologia é uma profissão com identidade relacional permeando a saúde, educação e assistência social.

A profa. **Francisca Valda da Silva**, Pela Associação Brasileira de Enfermagem traz que a educação passa por demandas de ordem social, política e pelas exigências para a qualidade da formação. Enfatiza que os desafios são de ordem normativa, financiamento, parcerias, infraestrutura e condições para o trabalho docente e uma política de formação que contribui com o SUS e atenda as demandas de um sistema de saúde público que se coloca como direito de todos na Constituição. Valda enfatiza que as DCN precisam contribuir com o SUS e reflete sobre a complexidade e os desafios do Ensino Remoto como estratégia para ampliar o ensino

EaD, visto que os desafios pré pandêmicos se agravaram com a pandemia. Valda enfatiza o papel fundamental do CNS na discussão das DCN na área da saúde e na avaliação de cursos e, a morosidade do MEC em homologar as DCN da enfermagem e demais profissões.

A Profa. **Vânia Fontanela**, pela Associação Brasileira de Ensino Odontológico, destaca que a pandemia oferta a possibilidade de aproximação entre as entidades associativas com mais periodicidade para debates, situações e objetivos comuns. Traz que as DCN da odontologia foram revisadas 2017 e homologadas em 2019, mediante realização de oficinas por todo país com importante destaque para um cuidado integral e mudança no comportamento/atitude profissional mais humanizada. Aborda ainda sobre o crescimento acelerado dos cursos com distribuição pautada no viés econômico e considerável número de vagas não ocupadas.

Prof. **Nildo Alves**, pela Associação Brasileira de Medicina aborda que as DCN da medicina são de 2014 foram revisadas e homologadas sem ampla discussão com as bases e que teve um processo mais político e que hoje há um movimento de chamamento da comunidade médica para rediscutir as Diretrizes. Enfatiza o total interesse de unir forças para que as DCN sejam discutidas amplamente, respeitando as bases.

Profa. **Marina Monteiro de Castro**, pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, inicia sua fala destacando o importante momento de troca e traz que as DCN de Serviço Social surgem de um

projeto de formação datado de 1996 pautado numa profissão generalista da saúde e social com base humanista, ética, que articula formação e trabalho e que foi modificado em 2001 pelo CNE. Enfatiza que a pandemia oferta um movimento regressivo no modelo de formação pelo ensino remoto emergencial, chamando a atenção à não naturalização desta modalidade. Explicita que há necessidade de se defender saúde e educação pública atentas às necessidades da população e que estratégias coletivas e solidárias são fundamentais no avanço para uma formação para o SUS, para as necessidades da população e às desigualdades sociais.

A Profa. **Barbara Lima**, pela Associação Brasileira de fonoaudiologia traz que as DCN da fonoaudiologia datam de 2002 e foram revisadas pelo coletivo da área de forma ampla em 2017/2018, aprovadas pelo CNS e aguardam discussão do CNE e MEC. Explicita que a formação em saúde necessita de presencialidade, com destaque para o trabalho interprofissional, a integralidade do cuidado e o contexto étnico racial.

A Profa. **Livia Maia**, pelo Fórum de Graduação de Saúde Coletiva, contextualiza a graduação em saúde coletiva no Brasil, desde 2008, criada para suprir uma lacuna importante na oferta de profissionais na área da saúde, vinculados a gestão, atenção e prevenção de agravos. Os 24 cursos estão distribuídos nas cinco macrorregiões do país, em universidades públicas. As DCN foram construídas coletivamente,

aprovadas no CNS e CNE, desde 2017 aguardam homologação pelo MEC. Traz a preocupação com o ensino remoto, face a condição imprescindível da formação presencial. Reforça a importância da construção das redes solidárias, espaços compartilhados e vivências como importantes estratégias no atual contexto da pandemia.

A Profa. **Laís Souza Bonilla**, pela Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia, inicia sua fala, retratando as perdas inerentes ao ensino remoto emergencial, o desafio de um território pandêmico, e ressalta o quão os projetos coletivos a partir das necessidades dos serviços e da população pautam a formação. Faz uma retrospectiva da trajetória de revisão, em 2016/2017, das DCN da Fisioterapia, como um processo coletivo, democrático, entre estudantes, professores, gestores, profissionais de serviços e um forte compromisso com o SUS, mas que aguarda apreciação do CNE e posterior homologação pelo MEC. Reconhece que há lacunas na formação a partir da pandemia, mas que identificar e tentar saná-las é fundamental e o trabalho coletivo pode reduzir a fragmentação da formação. Por fim, enfatiza que formar para a realidade do trabalho e na realidade do trabalho é defender o SUS.

Profa. **Iguatemy Matias**, pelo Conselho Federal de Educação Física, por meio de sua Comissão de Ensino, formação superior e preparação profissional, inicia sua fala agradecida pelo momento e esclarece sobre o momento de transição de gestão da Associação

de Ensino da Educação Física. Aborda que as DCN da Educação Física foram aprovadas em 2018 e enfatiza os avanços tanto para formação em licenciatura e como para bacharelado, face que o SUS surge como referencial da formação. Afirma ainda que as DCN, no atual panorama orientam, cuidam de questões importantes e fundamentais para formação profissional e para o cuidado à sociedade.

Profa. **Vânia Santos**, pela Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico, traz que em 2017 as DCN foram revisadas, com ênfase em uma formação mais humanista e o farmacêutico mais integrado ao sistema de saúde. Enaltece que a união dos movimentos associativos para uma formação de qualidade e para as necessidades de saúde da sociedade são potentes e fundamentais.

Convidados e participantes respaldam a importância e a potência do programa “Diálogos”, o que o coloca como uma ferramenta de provocação, articulação, construção e gestão para uma agenda de impacto para a revisão e homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos da área da saúde.

Nessa toada, entre as linhas e entrelinhas, versos e prosas, desafios e expectativas, a temática DCN agrega valor coletivo e colaborativo para estruturação de uma agenda política educacional forte, sistemática e propositiva, junto ao MS, MEC e os órgão de controle social.

A construção de um documento conjunto entre as associações de ensino, cobrando celeridade e posicionamento do CNE e MEC a respeito da discussão e homologação das DCN; O tema graduação e extensão como pauta de um programa do “Diálogos”; a presença cativa dos estudantes nos encontros; a agenda do Ensino e da Formação devem ser conduzidas pelas entidades associativas de ensino/educação da saúde; surge como proposituras e encaminhamentos do presente programa.

Gratidão

Oportunidade

Construção coletiva

Espaço do “Diálogos” é muito importante

para formação e para o SUS

Só de estarmos pensando juntos, já demonstra a força que temos para construirmos juntos esta formação, ou melhor, transformação. (Suely Grosseman)

Acervo:



DCN's e a Formação em Saúde em Tempos de pandemia: o território como cenário

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=9dwDk-8cZMU>

TÁVOLA REALIZADA NO 14º CONGRESSO DA REDE UNIDA

Convidados e convidadas: Associações de Ensino da Área da Saúde

PROGRAMA 6

DO VER-SUS AO FAZER-SUS: VIDAS QUE SE (RE)ENCONTRAM, RESISTÊNCIAS QUE FORTALECEM

Sinopse:

O Programa 6 dos “Diálogos” que é apresentado pelo colega **Alcindo Ferla** traz para debate um tema muito importante para a formação de profissionais da saúde, para os estudantes, para a re-existência do SUS, Versus – suas dobras e seus desafios. O debate “Do VER-SUS ao FAZER-SUS: vidas que se (re)encontram, resistências que fortalecem” ocorreu ao vivo na TV Rede Unida, dia 12/11/2020 e conta com a presença de **Antônio Ribas**, fisioterapeuta e sanitarista; **Gabriela Maciel dos Reis**, enfermeira obstétrica e **Lucas Silva**, artista popular e estudante de medicina. A mediação é realizada por **Manuelle Matias** e por **Douglas Vinicius Reis Pereira**, todos ex-versusianos.

O programa inicia com o “Cinema” organizado pela **Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas**, sob a coordenação da Professora **Sônia Lemos**, que apresenta depoimentos de participantes de outras edições do

VERSUS. As falas revelam o legado e o impacto da experiência na vida dos participantes e, desde esse início já é possível perceber a emoção que vai tomando conta de nossos corações, o que significa e o que significou a vivência e a experiência do VERSUS. Alcindo já referia, na apresentação que “O VERSUS é algo que mobiliza corações e almas”. Com essa energia e positividade, Manu e Douglas chamam os participantes para um dos debates mais mobilizadores e emocionantes dos Diálogos.

Antonio Ribas, doutor em Desenvolvimento e Cooperação Internacional é atualmente Apoiador Institucional na Secretaria de Saúde do Distrito Federal e traz um relato sobre sua participação do Projeto Piloto do VER-SUS nacional em 2004 e as implicações dessa experiência ao longo de sua formação.

Apontando a vivência como transformadora de sua vida pessoal e profissional, Antônio revela não somente os sentimentos e sentidos presentes no movimento, mas o

processo de construção coletiva e preparação do Projeto Piloto junto ao Ministério da Saúde, enquanto estudante.

Um dos destaques que faz é referente à diferença que a vivência no campo provocou, apesar de quase um ano de estudos preparativos para a ação. O modo de fazer, o sentar em roda, o coletivo, a intensidade com que cada momento era vivido, e a capacidade de qualificar o aprendizado – encontros, aromas, sabores, visitas, companheiros de futuro. Diz Antônio: “Não sei o que seria da minha formação se não fosse o VER-SUS.” Foi uma experiência para além do aprendizado acadêmico e, particularmente, no seu caso, para sua vida pessoal.

Como egressa do VER-SUS de 2012, **Gabriela Maciel dos Reis** fala da experiência vivida e de sua militância pelo SUS desde sua trajetória no movimento estudantil. Participante da Rede Unida relata de forma sensível a sua experiência em Campinas e sua participação no grupo como articuladora do VERSUS, mantendo a rede de contatos ativa. Atualmente participa e auxilia na organização de ações que procuram dar continuidade à vivência no SUS - Movimento FAZER-SUS.

Na continuidade, **Lucas Silva**, que é artista popular e estudante de medicina, inicialmente nos brinda com uma poesia e com um canto sobre a “belezura” do sertão desse nosso Brasil. Sua experiência no VERSUS JUREMA, em Currais Novos/RN é contada com o sotaque e sentimento de quem vive com a amorosidade do nordeste. A

experiência na Escola multicampi em Caicó, onde está o Curso de Medicina e no VER-SUS mudou sua vida e sua percepção sobre saúde, sobre a profissão de médico e sobre o próprio SUS. Ainda estudante de Medicina sente que a vivência no VER-SUS Jurema, quando teve o contato com a diversidade, com o movimento negro, com sua própria identidade e com realidades muito distintas da sua, fez com que mudasse sua percepção de mundo. A experiência, que incluiu o contato com a religião de matriz africana, trouxe outras concepções sobre cuidado e saúde, com outros referenciais. Destaca também o senso de coletividade que a vivência provocou em sua formação e, de forma mais impactante, o pensamento sobre o que é medicina de fato. Particularmente, Lucas se refere à experiência vivida que autorizou o artista estar junto ao médico que deseja ser: artista/médico, um encontro que até então era “negado pela formação hegemônica em saúde”. A arte como ferramenta para a aproximação, para tocar no outro, para promover cuidado e saúde.

De forma geral, os participantes ratificam a força do movimento junto aos estudantes, como mobilização de saberes e como fortalecimento do SUS. A experiência é mobilizadora e na atualidade se faz necessária diante das ameaças que o Sistema Único de Saúde sofre no enfrentamento da Pandemia e no descaso e desmonte provocados pelo o atual governo.

Não há como descrever a emoção dos falantes ao relatar suas experiências. A emoção permeia

cada palavra, cada metáfora, cada relato e o que fica é a importância e a pertinência da continuidade dessa experiência que é o VERSUS. Que venha o Movimento FAZER-SUS – o cuidado cotidiano em saúde e em defesa do SUS.

“O VER-SUS é algo altamente transformativo e está inserido nas instâncias do amor, e por ali estar, não há verbo que o alcance... é um esperar constante...” (Vinícius - VERSUS Jurema/RN)

O Mapa (Mário Quintana)

*Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...*

(E nem que fosse o meu corpo!)

*Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...*

*Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)*

*Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso*

*Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)*

E talvez de meu repouso...

Acervo:



Do VER-SUS ao FAZER-SUS: vidas que se (re)encontram, resistências que fortalecem

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=jY2yX8i6jOE&t=6s>

Participantes:



ANTONIO RIBAS:

Fisioterapeuta Sanitarista, Doutor em Desenvolvimento e Cooperação Internacional. Atualmente Apoiador Institucional na Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Participou do Projeto Piloto do VER-SUS nacional em 2004.



GABRIELA MACIEL DOS REIS:

Enfermeira Obstétrica e Sanitarista. Egressa do VER-SUS de 2012 em Belo Horizonte e Campinas. Usuária, militante e pesquisadora do SUS



LUCAS SILVA:

Artista popular e estudante de medicina EMCM/UFRN, VERSUS JUREMA Currais Novos-RN

MEDIAÇÃO:



MANUELLE MATIAS:

Enfermeira; Vice presidenta da Associação Nacional de Pós-Graduação; Doutoranda em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ; Conselheira Nacional de Saúde.



DOUGLAS VINICIUS REIS PEREIRA:

Estudante do 12º período de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. Conselheiro Nacional de Saúde, Coordenador Adjunto da Comissão de Recursos Humanos e Relações do Trabalho (CIRHRT/CNS) na Gestão 2017/2018

PROGRAMA 7

ANTIRRASCIMO: DESAFIO PARA A FORMAÇÃO INTERPROFISSIONAL E INTEGRAL NA SAÚDE

Sinopse:

A TV Rede Unida, em 26/11/2020, às 19h., apresenta a sétima edição do programa “Diálogos Interprofissionais sobre a Formação na Saúde” e traz para o debate um tema importante para o pleno exercício de cidadania: o antirracismo e a formação na saúde. **Maria da Conceição Silva, Caroline Damazio e Ângela Pereira**, com mediação de **Vera Rocha**, se reúnem e trazem importantes considerações sobre como o racismo estrutural deixa suas marcas na vida das pessoas, na organização da sociedade, no estabelecimento das iniquidades, no corpo e saúde das pessoas negras em nosso país, comprometendo princípios democráticos.

A abertura contou com a participação artística do estudante de Medicina da Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte (UFRN- Campus Caicó), **Lucas Silva**, que, com sua sanfona e

repertório, mobilizou elementos provocadores para a temática. As reflexões iniciais do sétimo programa foram pautadas não só por estarmos vivendo o “Novembro Negro” – mês da consciência negra e pela relevância do tema, mas também foram provocadas por acontecimentos violentos e omissos com relação aos direitos da população negra, ações recorrentes nos EUA e no Brasil. Também pela significativa diferença do impacto da pandemia sobre os mais vulneráveis. Dessa forma, Vera Rocha convida as participantes e as (os) internautas ao debate.

Conceição Silva tem uma longa trajetória nas lutas raciais, pelos direitos dos negros e negras e em favor da igualdade e inclusão. Sua expertise, militância, vivência e formação profissional, além de sua efetiva participação social, a conduziram a receber título de Notório Saber no Comitê de

Mulheres Negras Metropolitanas de Pernambuco - Secretaria Especial da Mulher. Militante nos espaços de saúde e na produção de conhecimento na área, é religiosa da matriz africana e se apresenta como uma ativista antirracista.

Ao falar sobre o racismo reporta à formação do pensamento epistemológico da educação brasileira que tem em suas bases a filosofia eurocêntrica, o racismo moderno e o racismo científico. Sendo da área da saúde, é com propriedade que Conceição se refere à influência positivista e biológica na saúde e à “Teoria Lombrosiana”, teoria esta que colocava os negros na condição de criminosos natos, desconsiderando as condições sub-humanas a que eram submetidos durante a escravidão.

Conceição destaca que a formação e as práticas na saúde se utilizaram do racismo científico na tentativa demonstrar que, nos corpos dos negros, estariam os traços biológicos que os predispõem ao crime e à agressividade, negando a humanidade dessa população. Afirma que no início do século, essas práticas racistas na saúde, com a Medicina Legal, faziam dos corpos negros, um experimento de estudo nos cursos de formação da área.

Ao trazer para o debate as lutas dos negros e das negras pela igualdade racial e direitos sociais, refere-se às conquistas que foram implementadas, principalmente, a partir da Constituição de 1988, e com o SUS. Os princípios da universalidade, equidade e integralidade que orientam as políticas de saúde são capazes de

promover e atender as populações vulneráveis, povos originários, campo, água e floresta, negros, indígenas, ciganos, população LGBTQI+. A partir de muitas lutas coletivas são instituídas leis específicas como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, Estatuto da Igualdade Racial, legislação para a educação no ensino fundamental e médio sobre a cultura Afro-brasileira, entre outras portarias e ações. Mas salienta Conceição, é necessário reconhecer o racismo estrutural e institucional, reconhecer-se racista e, encararmos, todas e todos, a luta antirracista para uma sociedade em que se possa conviver com mais justiça social.

Ainda em sua fala, Conceição chama a atenção para o racismo científico que até hoje influencia a Medicina Legal; as práticas de violências contra os corpos de mulheres negras (exemplifica com a utilização do fórceps em alguns partos); a violência obstétrica; o tratamento preconceituoso nas unidades e serviços, e acrescenta, com muita propriedade, reflexões significativas sobre “Epistemicídio intelectual” que nega outros saberes que não os eurocentrados.

Após a “aula” de Conceição, na continuidade do programa, **Ângela Pereira**, graduada em Fisioterapia, com uma formação multidisciplinar incluindo pós-graduação em Economia e Desenvolvimento Agrário, Gestão de Redes de Atenção à Saúde, Saúde da Família com ênfase em saúde da população do campo e com estudos no mestrado, na área das Ciências Sociais, faz sua intervenção.

Ângela, com sua sensibilidade, começa a sua participação com uma poesia autoral que retrata a força de uma mulher negra que, ao se reconhecer como negra, busca o fortalecimento participando dos movimentos sociais, das lutas pela igualdade racial e pelos direitos de todos e todas à saúde. A militância no Movimento Estudantil durante a graduação também fortaleceu a profissional que se inseriu, durante o tempo da Residência Multiprofissional da Saúde da Família, numa comunidade quilombola.

Com apresentação de um vídeo produzido durante sua experiência na Residência, Ângela nos leva a refletir sobre a identidade negra, as dificuldades do autorreconhecimento, devido ao sofrimento que essas questões raciais produzem sobre nossos corpos, e sobre práticas de saúde numa comunidade Quilombola da Região de Garanhuns (*Suíça Pernambucana*). Ratifica várias considerações já apresentadas por Conceição e destaca que a questão racial vivenciada no campo a levou a pensar sobre o racismo nas relações de cuidado à saúde.

A ausência de debate sobre o racismo durante a formação profissional é, de certa forma, um impeditivo para a implantação de políticas e uma das causas de enfraquecimento da luta antirracista na área da saúde. É preciso trazer esse debate para todas as áreas de formação profissional, afirma Ângela, que para ilustrar sua fala traz imagens e os temas das intervenções desenvolvidas em sua experiência de trabalho.

Além das atividades relativas ao cuidado em saúde, as intervenções em outros espaços e equipamentos sociais, o que se destaca, é o trabalho de fortalecimento da identidade das mulheres negras participantes, com o resgate da autoestima, repercutindo em toda a comunidade. A fala de um dos participantes de sua intervenção vale para todos: “A comunidade é mais forte quando conhece a história de seus antepassados e tem conhecimento de seus direitos”.

A participante **Caroline Damazio** nos brinda com seu olhar de Psicóloga e de ativista na causa da mulher negra, trazendo para o debate, principalmente, os aspectos relativos às dificuldades e barreiras para a implementação da Política Nacional para a População Negra, reportando resultados da pesquisa desenvolvida no Rio Grande do Sul pela Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS.

Assim como as demais participantes, Caroline tem uma história de militância no movimento negro e se apresenta fazendo referência aos seus antepassados com a gratidão de quem reconhece a importância dos legados ancestrais.

A análise da implementação das PNSIPN no Rio Grande do Sul, vem posteriormente a uma crítica sobre as barreiras que negros e negras têm enfrentado para se fazerem escutar numa sociedade racista. A violência contra os corpos negros e uma reflexão sobre a Universidade, que não nos acolhe como sujeitos com saberes, vivências e valores foi uma das críticas apontadas por Caroline. É impossível não se sensibilizar

diante da morte violenta de um homem negro, João Alberto Silveira Freitas que ocorreu à véspera do Dia Nacional da Consciência Negra, em Porto Alegre/RS. “Morremos todos e todas, morre um pouco de nós, da nossa humanidade”, refere Caroline, emocionada. Reconhece que é necessário manter a luta diante do cenário da saúde das pessoas negras.

No Rio Grande do Sul essa população é estimada em 16% e seus indicadores de saúde são os piores na sociedade gaúcha: mortalidade infantil e materna, HIV/AIDS, transmissão vertical de sífilis e HIV, entre outras. Isso provocou o desenvolvimento de uma pesquisa intervenção interprofissional que buscou verificar as condições de saúde da população negra e pensar estratégias para implantar a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Ao discorrer sobre a experiência Caroline traz importantes reflexões sobre os resultados que evidenciaram, além da precariedade da assistência, a disponibilidade de incentivo financeiro em alguns municípios para investir nas políticas específicas e que não eram utilizados. Com algumas estratégias de mobilização já utilizadas em outras propostas e linhas de cuidado, o grupo buscou o apoio institucional para chegar ao território, conhecer e fazer a intervenção, que se propunha implantar a política.

Destaca que o enfrentamento do racismo institucional se tornou um grande desafio, pois muitos gestores, por não reconhecer o racismo, não compreende a necessidade de uma política

específica. Entretanto, as atitudes de muitos e muitas revelavam o preconceito com o tema e com as equipes de pesquisadoras.

A composição interprofissional do coletivo “Arambi – todos unidos por um único propósito”, grupo que protagonizou a pesquisa-intervenção, foi um dos fatores que facilitou a implantação e a mudança nas práticas de trabalho, discorre a debatedora. Como resultado, alguns municípios conseguiram avançar com ações intersetoriais, ampliaram seus conhecimentos e debate sobre o racismo e sobre a saúde da população negra, elaboraram material impresso com orientações para a implantação da política e capacitação de apoiadores. A visibilidade dessa população e o reconhecimento de seus direitos na assistência e cuidado foram aspectos a serem destacados.

Como as debatedoras destacam, não há cuidado integral se não houver equidade, acesso e recursos, principalmente recursos humanos capacitados para compreender as especificidades, as particularidades e a grande diversidade que compõe a sociedade brasileira. Ao negar o acesso, ao negar a história e a realidade em que vivemos, inviabilizamos a construção de estratégias para erradicar o racismo estrutural existente e mantemos barreiras para a promoção de maior desenvolvimento social e humano.

O convite é para que possamos fazer desse tema um debate permanente, e que isso seja capaz provocar mudanças no interior das escolas de formação e dos serviços de saúde. A expectativa é o reconhecimento e

respeito devidos a todas e todos, promovendo políticas reparadoras dos danos que a escravidão

provocou e ainda provoca em nosso país.

#Vidas negras importam!

Acervo:



Antirrascimo: desafio para a formação interprofissional e integral na saúde

Link:

https://www.youtube.com/watch?v=_cXo7bz3BgM

Participantes:



ÂNGELA PEREIRA:

Fisioterapeuta (UFPB), mestra em Serviço Social (UFPB), especialista em Economia e Desenvolvimento Agrário (UFES/ENFF), em Gestão de Redes de Atenção à Saúde (ENSP/FIOCRUZ-RJ) e em saúde da família com ênfase em saúde da população do campo (UPE).



CAROLINE DAMAZIO:

Psicóloga Clínica e Social, Mestra em Saúde Coletiva UFRGS, Coordenadora Executiva da Associação Cultural de Mulheres Negras (Porto Alegre/RS)



CONCEIÇÃO SILVA:

Ativista Antirracista e de Direitos Humanos; Conselheira Nacional de Saúde; Secretária Nacional de Saúde da União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO) e Diretora de Articulação Institucional da UNEGRO Pernambuco; Componente Titular da Comissão Intersetorial de Políticas de Promoção de Equidade (CIPPE/CNS); Coordenadora da Câmara Técnica de Atenção Básica (CTAB/CNS); Coordenadora Adjunta da Comissão Intersetorial de Educação Permanente para o Controle Social do SUS (CIEPCCS/CNS); Notório Saber no Comitê de Mulheres Negras Metropolitanas de Pernambuco - Secretaria Especial da Mulher. Ex-Coordenadora da Política de Atenção à Saúde da População Negra de Olinda/PE - 2005-2016. É Licenciada em Ciências Biológicas e Especialista em Saúde Coletiva com Ênfase na Estratégia de Saúde da Família (FUNESO/PE)

MEDIAÇÃO:



VERA ROCHA:

Fisioterapeuta, Educadora Física (UFRGS, aposentada)

PROGRAMA 8

DIREITOS HUMANOS, DIVERSIDADE E FORMAÇÃO NA SAÚDE

Sinopse:

O oitavo e último programa da primeira temporada dos “Diálogos Interprofissionais sobre a formação na Saúde” ocorre no dia 10/12/2020, Dia Internacional dos Direitos Humanos, e traz como tema os direitos humanos e a diversidade no contexto da formação. O momento especial de “Diálogos” conta com a presença da artista **Paula Érica**, artista/enfermeira, **Elaine Pelaez**, assistente social e conselheira nacional da saúde, **Cristian Ribas**, advogado na área dos direitos humanos, participante de comissões e conselhos de direitos humanos, **Matheus Madson**, fisioterapeuta e educador popular. A mediação dessa edição é realizada pelos companheiros **Alcindo Ferla** e **Lorrainy Solano** que após a apresentação de Paula Érica, cantora e declamante, nos sensibiliza cantando as belezas do nordeste, do ato de cuidar e da beleza do viver.

O debate inicia com a fala potente da Assistente Social **Elaine Pelaez**, fala da perspectiva da classe trabalhadora, fala da perspectiva de raça, de gênero, de mulheres, etnias, da diversidade. Contextualiza a realidade social brasileira, referindo que o cenário é de uma crise estrutural do capital, com um contingente de trabalhadores informais, precarizados que vivenciam a violação de seus direitos, sem garantias mínimas de proteção social. Ao se referir à sociedade brasileira, refere que o pensamento hegemônico, mídia, empresas, governos tentam nos convencer que essa desigualdade que explora o trabalho e tira nossa existência, nossa humanidade é a normalidade. Destaca que a luta é buscar mostrar a realidade que nos cerca: com desigualdades, insegurança alimentar, fome e, agravando o quadro, a crise sanitária que afeta, prioritariamente, pessoas pobres, negros, indígenas, e que

isso não é normal. No momento em que poderíamos celebrar avanços, estamos nos juntando para lutar pela manutenção de conquistas ameaçadas e sensibilizando corações e mentes, diz com muita clareza a Assistente Social.

Na sequência dos “Diálogos”, o advogado **Cristian Ribas** traz sua experiência como presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/Tocantins e de vivência no Conselho Nacional de Promoção de Igualdade Racial da Presidente da República na gestão 2012-2014, entre outras inserções da militância antirracista. Ao iniciar sua fala chama a atenção para a importância em se discutir o tema Direitos Humanos junto à formação dos profissionais, principalmente nos tempos em que a área do Direito se vê diante de frequentes atos de judicialização da saúde, que é um dos direitos constitucionalmente garantido.

Ele observa que há um conflito profundo na efetivação a esse direito, entre dois conceitos- “reserva do possível” (as possibilidades de fornecimento estão relacionadas a disponibilidade de recursos financeiros) e em contraponto os Direitos humanos se baseia no conceito do “mínimo existencial”, que chama os entes federativos para uma responsabilidade solidária.

Cristian faz uma análise crítica da situação da população diante da crise sanitária causada pelo SARSCov-2 e da negligência e omissão do governo brasileiro e de gestores na administração da crise o que, segundo ele, favoreceu o

agravamento do quadro por ausência de planejamento, ausência de coordenação e gestão do grande patrimônio que é o SUS. Nos leva a pensar na sociedade extremamente desigual e na política proposital de exclusão: “Não podemos deixar de perceber intencionalidade da política de morte proposta pelo governo federal – uma necropolítica, racismo declarado, onde o estado permite que alguns morram e que outros possam viver”, diz Cristian. O debatedor chama a atenção para alguns dados que evidenciam o quanto a população negra vem sendo negligenciada ao longo dos tempos e como a epidemia evidenciou a necessidade de luta. Luta política, intersetorial, diária e permanente para mudar os péssimos indicadores de saúde, para conquistar uma sociedade mais justa com políticas públicas mais efetivas. Esse entendimento precisa estar não somente no processo de formação dos profissionais de saúde, mas em todas as profissões.

A fala de **Matheus Madson** se soma às dos demais participantes, em defesa de uma educação menos preconceituosa, principalmente durante a graduação. Como fisioterapeuta, relata a ausência de debate sobre a diversidade e sobre as questões de raça e gênero na sua formação. Esses temas são colocados à margem do processo e não são considerados nem para o cuidado, nem pela própria vivência de alguns estudantes, que se formam sem referências desse tema.

Matheus inicia com um poema crítico, de sua própria autoria que fala sobre pré-julgamentos e preconceitos. O mestrando traz sua

trajetória desde a graduação referindo aos espaços de resistência contra as formas de opressão institucionalizadas e como as trajetórias de formação foram construindo formas de educação e de aprendizagem. As experiências em serviço oportunizado pela Residência em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade UERN/PMM permitiu a construção, de forma coletiva e compartilhada, de saberes que podem ajudar tanto os profissionais quanto os usuários na compreensão dos seus direitos. Com a entrada no mestrado o tema dos direitos e da saúde da população LGBTQI+ se torna foco dos estudos e tem sido problematizado pelo fisioterapeuta nos mais diferentes espaços de cuidado. Questiona a ausência de políticas públicas e desses conteúdos durante a formação e na assistência, o que denominou “vulnerabilidade programada”, ou seja, se reconhece a existência do problema, porém não se fala sobre o mesmo, há ausência de estudos e assistência qualificada.

O debate prossegue com questões que nos fazem pensar sobre a formação ética dos profissionais, que passa pela reflexão sobre o que representa a saúde no contexto social e qual papel do profissional diante das diferenças e iniquidades. “É importante não culpabilizar os profissionais e estudantes por práticas decorrentes de nossa omissão como formadores de pensamento crítico”, destaca um dos participantes. O que necessitamos é

refletir sobre nossa posição diante de práticas homofóbicas, sobre a lgbtfobia, sobre a violação dos direitos, nos responsabilizando sim, por não refletirmos e por não adotarmos coletivamente uma postura necessária para denunciar, mobilizar, esclarecer e buscar compreender os valores éticos implicados nesses debates. É nosso papel questionar o Estado quando esse estado é violador de direitos fundamentais, mas para tal é preciso reconhecer e saber do compromisso que assumimos como formadores.

Os debatedores chamam a atenção para a importância de formar para o SUS com investimento nas práticas em contextos de vida, no cotidiano dos territórios, nas diversidades que compõem nossa sociedade. Direitos humanos não são dádivas, são resultados de lutas, de enfrentamentos e de conquistas – “cuidado sem liberdade não é cuidado, é punição”, completa Alcindo ao se referir às falas dos convidados.

Ao finalizar essa série de “Diálogos” podemos perceber a grandeza de nosso patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, que aposta na educação com uma importante ferramenta para a transformação social. “A dureza da realidade não pode nos tirar a leveza da poesia”, foi uma das falas dos debatedores que destacamos para encerrar.

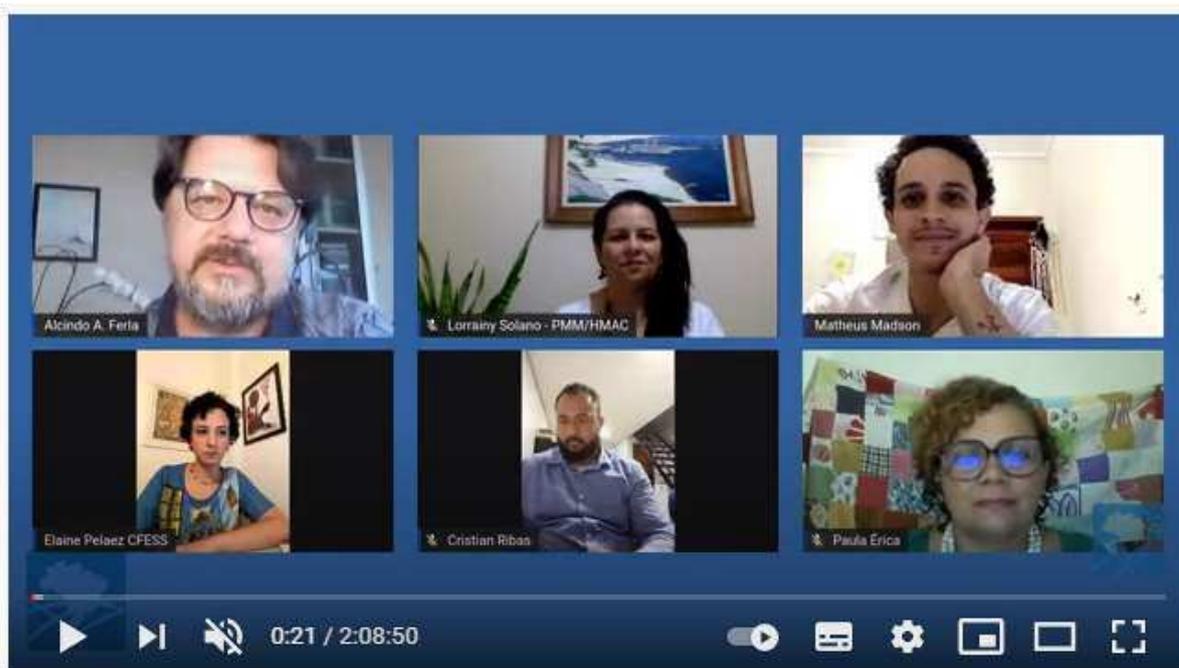
#Em defesa do SUS!

#Vidas negras importam!

#Todas as vidas importam!

#Vacina para todos e todas, já!

Acervo:



Direitos Humanos, Diversidade e Formação na Saúde

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=MMrEChUdnoM&t=13s>

Participantes:



CRISTIAN RIBAS:

Advogado criminalista e previdenciário, Presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/TO e Secretário Geral da Comissão de Igualdade Racial da OAB/TO. Foi vice-presidente do Conselho Nacional de Direitos Humanos CNDH/PR e membro das gestões 2014-2016 e 2016-2018, também compôs o Conselho Nacional de Promoção de Igualdade Racial da Presidente da República (CNPIR/PR), gestão 2012-2014.



ELAINE PELAEZ:

Assistente Social; Conselheira Nacional de Saúde, membro da Mesa Diretora. Conselheira do CFESS, Coordenadora da comissão de seguridade social. Assistente social da Saúde Federal do RJ. Especialização em saúde pública ENSP Fiocruz. Especialização em avaliação em saúde ENSP Fiocruz.



MATHEUS MADSON:

Fisioterapeuta com residência em atenção básica/saúde da família e comunidade UERN/PMM. Mestrando do Programa Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da UFERSA. Educador popular, poeta e trabalhador do SUS.

MEDIAÇÃO:



LORRAINY DA CRUZ SOLANO:

Enfermeira da ESF - Zona Rural de Mossoró, Apoiadora da gestão municipal na AB/SMS; Colaboradora das Residências em saúde; Coordenadora do Instituto de Ensino, Pesquisa e Extensão do Hospital Maternidade Almeida Castro/Mossoró/RN



ALCINDO ANTONIO FERLA:

Médico, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFRGS), de Psicologia (UFPA) e Saúde da Família (UFMS). Representante da Rede Unida junto a Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho do Conselho Nacional de Saúde (CIRHRT/CNS).

SEÇÃO 2
OUTROS DIÁLOGOS



**DIÁLOGOS
INTERPROFISSIONAIS
SOBRE A FORMAÇÃO
NA SAÚDE**

PROGRAMA ON LINE

Realização:
TV REDE UNIDA

Apoiadores:
ABEN; ABENFISIO; ENEFI; ESP/MT; NESC/UFPB.

(Créditos: arte do folder digital para divulgação dos episódios realizada por Fabiano Gomes Miranda Pereira)

LIGANDO A FORMAÇÃO DAS PROFISSÕES DA SAÚDE À INTEGRALIDADE: PENSAMENTO, ARTE E AÇÃO

Sônia Maria Lemos
Eduardo Jorge Santana Honorato
Antônio Simeone Correia Leitão
Gabriel Romero
Matheus Pantoja de Souza
Rebeca Cardoso Castro
Victória de Assis Silva
Andrea Villas Boas Mello
Alcindo Antônio Ferla

Introdução

A Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde (LAAIS) surgiu em 2016 e é resultado de um grupo de estudos sobre Saúde Mental na Atenção Básica que era realizado desde 2014 nas dependências da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA), na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Manaus/AM. A dinâmica do grupo consistia em promover discussões que estivessem integradas e interrelacionadas com a temática central, a integralidade em saúde, em encontros semanais de aproximadamente duas horas. Do grupo de estudos participavam

estudantes de graduação e de pós-graduação (lato sensu) dos cursos da ESA/UEA.

Os objetivos da Liga consistem em proporcionar aos alunos dos cursos de graduação a oportunidade de aprofundar a compreensão dos diversos conhecimentos da Atenção Integral à Saúde e promover encontros para estudo dos diversos temas correlacionados à temática, assim como gerar encontros entre diferentes pessoas interessadas nessa temática e fomentar o compartilhamento de experiências,

práticas e perspectivas de fazer e aprender a saúde.

A intensidade das discussões e a problematização desencadearam um movimento para a construção de uma *liga acadêmica* que considerasse a interdisciplinaridade e a multidimensionalidade das questões relacionadas à educação e promoção da saúde. Com uma visão da integralidade e do papel da Atenção Básica no SUS. As Ligas Acadêmicas são dispositivos de articulação e mobilização de pessoas em torno de uma necessidade ou carência e remontam à antiguidade, onde as Ligas de Delos e do Peloponeso mobilizavam práticas educativas e de defesa na guerra entre Atenas e Esparta. No esporte, as Ligas mobilizam recursos de distintas naturezas para a manutenção e o desenvolvimento de equipes. No Brasil, as Ligas Camponesas mobilizavam para a luta em defesa da terra e da reforma agrária¹.

Na saúde, as Ligas surgiram no combate à alta prevalência de tuberculose e hanseníase no início do século XX, tinham um caráter filantrópico e caritativo e eram formadas por voluntários das elites intelectuais e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, buscando suprir a ausência do

poder público na saúde pública. A partir da segunda metade do Século passado, as Ligas Acadêmicas surgem como estratégias de aprofundar e alargar conceitos e conteúdos curriculares, principalmente nos cursos de medicina, mobilizadas por estudantes, docentes e técnicos interessados em temáticas específicas¹. As análises recentes identificam nas atividades dessas Ligas a experimentação do princípio da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, uma relevância expressiva das Ligas na formação dos profissionais da saúde que se envolvem na sua organização em algum momento de sua aprendizagem formal e uma contribuição singular e potencialmente expressiva no desenvolvimento da autonomia, da criticidade, da criatividade e do comprometimento, *prevenindo* a especialização precoce e a naturalização da fragmentação dos fazeres profissionais.

Neste capítulo, apresentaremos ideias sobre a formação e a dinâmica da Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde e de atividades que foram realizadas no apoio ao programa Diálogos Interprofissionais em Saúde.

A Liga em ação: conexões entre a formação e o trabalho

Como registrado anteriormente, a LAAIS mobiliza estudantes, docentes e demais interessados nas temáticas da integralidade em saúde, desde o ano de 2016, tendo sido originada na ESA/UEA, com uma dinâmica de

debates e encontros. Tendo o espírito de coletividade e de responsabilidade social como motivação, os estudantes passaram a se reunir, com a orientação de dois professores, e iniciaram a proposta

de uma Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde, a LAAIS. Esse processo esteve atravessado por inúmeros desafios, dentre os quais a adesão de estudantes para uma Liga que fugia aos padrões das Ligas das especialidades. A especialização do conhecimento na saúde, que é uma área que mobiliza fortemente o desenvolvimento da pesquisa e a produção de novas tecnologias no paradigma setorial e científico contemporâneo, também produziu a fragmentação técnica e profissional do trabalho e essa característica é fortemente vigente na formação das profissões da saúde, sobretudo a partir das primeiras décadas do Século XX². Assim, não é infrequente que o imaginário que mobiliza as pessoas envolvidas diretamente com a formação seja equivalente àquele produzido no paradigma que estão inseridas, sobretudo quando este tem uma grande valorização social no momento histórico em que essas desenvolvem suas ações.

No caso da LAAIS, foi diferente e a motivação estava assentada nas diretrizes do Sistema Único de Saúde e das orientações de mudança na formação das profissões. A motivação foi por uma proposta que integrava a multiplicidade de formações em saúde e trazia para dentro da UEA a discussão direta da Atenção Básica e de seus atributos, soava como fora de contexto e destoava das Ligas já existentes. A integralidade e a Atenção Básica pareciam não despertar grande interesse nos estudantes. No entanto, os desafios não foram tomados como obstáculos, mas como possibilidades de construção coletiva. No grupo estavam

estudantes de Enfermagem, Medicina e Odontologia que produziam rodas de conversa para discutir um estatuto que daria os contornos do que se constituiria a LAAIS.

O primeiro simpósio da LAAIS aconteceu em 2017 e propôs como tema os Reflexos da Emenda Constitucional nº 95 (EC95) no setor saúde. O evento marcou o início de uma trajetória exitosa de envolvimento coletivo de estudantes que desejavam e seguem estimulando as discussões sobre o SUS, com especial interesse na integralidade da atenção em saúde. Assim, a cada ano, para a renovação da composição da Liga, é realizado um simpósio que abre os trabalhos do ano e seleciona os novos *ligantes*. Os temas dos simpósios seguintes foram: O protagonismo político na formação em saúde; Tecendo o sistema de saúde e suas políticas; Crise na saúde: o controle social é nossa responsabilidade.

A cada ano o número de interessados em participar das atividades e da seleção para a Liga tem crescido e tem aumentado o interesse de estudantes de cursos fora da área da saúde. Do mesmo modo, os *ligantes* das edições anteriores permanecem frequentando as reuniões e participando das atividades da Liga, o que promoveu o surgimento da possibilidade de permanecer como voluntária(o) e apoiador (a) das atividades. As ligações estabelecidas mostram-se fortes para permanecer conectando os estudantes, mesmo diante da sobrecarga de atividades curriculares, exigindo dedicação e capacidade de responder às

demandas para o seguimento da formação. O desejo também tece amálgamas e vai constituindo processos de subjetivação profissional ao longo da vida, conforme já haviam identificado Silva & Flores¹.

As dimensões de ensino, pesquisa e extensão estão presentes na constituição da LAAIS e, a cada ano são discutidos os conteúdos a serem apresentados nas reuniões de ensino. É possível evidenciar a atualidade e vinculação das propostas com a realidade política e social, bem como trazem para o debate as questões da região amazônica e suas peculiaridades na promoção da saúde. O exercício da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão se verifica na tensão que o tripé produz nas atividades realizadas, onde, de forma intimamente interligada, o protagonismo de uma das ênfases traz as demais como complementos.

Atualmente, as atividades de extensão giram em torno do projeto da Liga, SUS na Escola, cujo objetivo é levar para os estudantes do ensino fundamental e médio as discussões e as informações sobre o SUS, por meio de atividades de educação em saúde. Esse projeto vinha sendo executado presencialmente até o ano de 2019. Com a chegada da pandemia, a Liga tem produzido materiais digitais para a divulgação nas redes sociais. Quando o centro da atuação é o ensino, a pesquisa e a atuação social produzem alquimias no processo de preparação das atividades e na aprendizagem que resulta da experiência. Se o centro

for a pesquisa, inevitável a reflexão sobre a relevância e os efeitos das descobertas no ensino e na função social do estar na universidade. E assim se exercita o tripé, como diretrizes indissociadas dos fazeres na universidade.

As atividades de pesquisa ainda estão voltadas para a formação e instrumentalização das(os) ligantes, com discussão sobre o que é a pesquisa e como se insere no projeto da LAAIS. A grande temática de pesquisa é o SUS, com especial atenção a integralidade na atenção básica. Importante aqui destacar que o SUS representa o trabalho complexo, a aprendizagem significativa e a produção de conhecimentos e tecnologias que se faz em movimento, deslocando as ênfases à medida em que se avança na resposta às necessidades sociais da saúde e a compreensão do que pode o trabalho social e sanitário.

Em 2020, no caminho da Liga, surgiu a pandemia, que modificou a vida e a saúde no planeta. Além de reafirmar a necessidade de medidas embasadas na ciência e comprometidas com o cuidado, o trabalho da Liga foi se *movimentando* pelo contexto dos diferentes territórios, da Amazônia, asfixiada pela inércia das autoridades e a negligência de parte da sociedade, para o mundo, compartilhando conhecimentos, depoimentos e conexões em rede, *ligamentos, implicações coletivas, afetos e afecções. Um movimento que pretende afetar e ser afetado quando muitos já não se importam*

A Liga em Diálogos: conversando sobre a formação interprofissional em saúde

A participação da LAAIS no programa Diálogos Interprofissionais e a Formação na Saúde foi construída por meio de uma ação colaborativa e compartilhada entre professores e estudantes de Norte a Sul. O lugar de encontro passou a ser a rede mundial de computadores, com encontros protegidos para o debate e para o desabafo dos fazeres de cada participante. Ao tempo em que os membros da Liga foram se ocupando de trabalhos de relevância nos diferentes territórios, como nos grupos familiares e nas iniciativas institucionais de enfrentamento à pandemia, o programa Diálogos foi mobilizando para formas de compartilhar o cotidiano de percursos de aprendizagem em tempos de pandemia. Como uma ciranda que só pode ser dançada no coletivo, a LAAIS passou a propor uma rede de possibilidades de dar voz à diversidade de nossas gentes, atendendo a um convite dos organizadores do programa. A cada edição do Programa, uma temática articulava o movimento na busca por gentes e vozes que pudessem abrir o Diálogos, com as tecituras e provocações de um *conversatório* que se espalhava pelas diversas regiões do país. O envolvimento de estudantes da LAAIS na produção dos vídeos que abriram três das 8 edições, trouxe para a cena outras possibilidades de desenvolver a extensão, em rede, de maneira compartilhada e colaborativa com outros estudantes e evidenciar as desigualdades de condições na formação em saúde, expostas de maneira exponencial durante a

pandemia. Planejar e executar um vídeo-dispositivo para *esquentar* os debates é mais complexo do que uma aula, que a atividade não está contida e protegida por um campo disciplinar, que o cotidiano é mais complexo do que o conhecimento disponível e as tecnologias já produzidas, que o convite à conversa sempre transborda o plano inicial e a expectativa de quem o formula ... que a vida não cabe nos protocolos de saúde. Mas esse é o desafio da aprendizagem, do aprendiz-ação, do mover-se com *outres*, do partilhar no coletivo.

Para as(os) estudantes, os encontros de preparação dos vídeos e discussão que giravam em torno do tema do programa naquela edição, geraram ampliação e aprofundamento nas discussões propostas para as reuniões de ensino da LAAIS. A circularidade pelos encontros mobilizou aprendizagens e superação dos limites impostos pela distância e manejo da tecnologia. As dificuldades de acesso e conexão de internet, não igualmente disponíveis às nossas gentes, também se constituiu em um grande desafio, tanto interna quanto externamente, ou seja, dos ligantes e seus contatos para dar conta do que haviam proposto. O inusitado do cotidiano em tempos de pandemia, ao contrário de interditar a criatividade e a aprendizagem, tornou significativas as descobertas e o percurso que as políticas de ensino para a saúde percorreram nos últimos anos.

A Liga no percurso das políticas de ensino na saúde

Na área da Saúde, há um consistente esforço para a substituição do modelo tradicional de organização do cuidado em saúde, historicamente centrado na doença e no modelo hospitalar. A Conferência de Alma-Ata, realizada em 1978³, enfatiza que a saúde é o *estado de completo bem-estar físico, mental e social*, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade. Também que é um direito humano fundamental, sendo que a consecução do mais alto nível possível de saúde é a mais importante meta social mundial, cuja realização requer a ação de muitos outros setores sociais e econômicos, além do setor saúde. Se é direito e humano, o *estado de bem-estar* é uma condição em movimento, atravessada pelo social e pelo histórico, mas que reivindica capacidade de superação, que o caminho é repleto de preconceitos, inclusive estruturais, adversidades e diversidades nos territórios em que as pessoas vivem e produzem-se, assim como cada saúde que cabe no cotidiano.

Nesse sentido, “a Atenção Básica caracteriza-se por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrangem a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação e a manutenção da saúde”^{4:19}. Expandir e qualificar a atenção básica, com ações organizadas pela Estratégia Saúde da Família (ESF), apresentam-se como parte do que se entende como prioritário nas políticas do Ministério da Saúde, aprovadas pelo Conselho

Nacional de Saúde. “Esta concepção supera a antiga proposição de caráter exclusivamente centrado na doença, desenvolvendo-se por meio de práticas gerenciais e sanitárias, democráticas e participativas, sob a forma de trabalho em equipes, dirigidas às populações de territórios delimitados, pelos quais assumem responsabilidade”^{4:19}.

Conforme essa realidade, o Ministério da Educação (MEC), com o apoio da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), instituiu o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde). Traz em essência uma proposta que visa o reconhecimento das conexões pautadas nas interlocuções entre a formação e o trabalho. Essa premissa imbrica em si a ampliação do conceito de saúde, sua intersectorialidade, diversidade e subjetividades. A multiplicidade dos olhares e saberes sobre a complexidade de um sistema que se pautou pelo modelo de atenção assegurado na Promoção da Saúde⁵.

Nesse contexto, a Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde, representa uma estratégia de mudança na formação, uma vez que valoriza a inserção e o aprofundamento dos conhecimentos, dos estudantes e professores no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). A Atenção Básica como principal porta de entrada do SUS deve se consolidar como o contato preferencial dos usuários com os sistemas de saúde. Assim, o SUS se orienta pelos princípios da universalidade, integralidade e equidade. A Atenção

Básica como ordenadora do cuidado, sustentada pelo seu principal dispositivo, a Estratégia de Saúde da Família, conhecedora do território e de suas gentes, com equipes que promovem uma visão integral das gentes que neles habitam⁶. O compromisso da Liga é levar a discussão sobre o SUS, para dentro dos cursos de graduação e difundi-lo em suas atividades extramuros da Universidade, no diálogo com os outros níveis de ensino. Assim, vislumbra também estimular a participação e responsabilidade social por meio de uma ação transformadora e comprometida com a disseminação do papel político-social de cada cidadão na consolidação do SUS

A partir desse contexto, a LAAIS promove o debate histórico-social, crítico-reflexivo das problemáticas pertinentes ao SUS, com ênfase nos temas relevantes à Atenção Integral à Saúde. Busca realizar suas atividades no contexto da atenção básica e na promoção de ações integradas de pesquisa, ensino e extensão interdisciplinar com interação ensino-serviço-comunidade.

O volume de conteúdos e disciplinas durante a realização dos cursos da área da saúde pouco possibilita o aprofundamento das especialidades durante a graduação. As Ligas acadêmicas cumprem esse papel quando propõem uma complementação do ensino da graduação e incentivam a atuação dos discentes junto às comunidades. No caso da LAAIS, promove e incentiva ações nas comunidades com foco na prevenção, na saúde, na participação, na integração com os

serviços da Atenção Básica e, também, junto à comunidade escolar do ensino fundamental e médio. As(os) estudantes vão além de uma prática para o cumprimento de horas e crédito para atender as DCN de seus cursos, desenvolvem iniciativa e autonomia, exercem a cidadania. A participação de estudantes de outras áreas traz para as discussões as interfaces e interrelações pertinentes à interdisciplinaridade necessária para a compreensão das políticas de saúde e suas abrangências. É nas construções coletivas provocadas pelas inquietações dos debates e temáticas que criamos o espaço onde a criatividade e a expressão do que se é, ancora o desenvolvimento das aprendizagens e inscreve um modo diferente de vivenciar e de falar sobre saúde para *todes*. Um espaço político, histórico e social de se formar e informar com outras e outros, diversos, potentes, vívidos de territórios e de saberes.

A dimensão micropolítica do percurso é fundamental para que as aprendizagens sejam significativas. Se há micropolítica, há singularidades pedindo passagem. Então, absorvemos no texto uma produção autoral em Liga, que foi produzida por Andrea Mello⁷, sobre sua experiência durante a preparação dos vídeos para o Diálogos. A narrativa traduz um discurso coletivo sobre a intensidade da aprendizagem e, ao mesmo tempo, uma condição singular de autoria, que é marca da produção em Liga e que se inscreve em cada uma e cada um e que é de significado pleno de um coletivo.

Ideias desordenadas em tempos de resistência às ordens: ligações com o Diálogos¹

Para quem pensa a vida e o mundo como uma escola, onde viver é aprender e, para isso, somos constantemente desafiadas e desafiados, entendo que já vinha me transformando. Talvez melhor: como ouvi de Ricardo Ceccim em uma de tantas *lives* nesses últimos meses, me transbordando. E neste processo, não bastasse passarmos por uma “democracia em vertigem”, usando o título de um bom documentário, e todo horror decorrente ou associado a isso, atravessamos ainda uma crise pandêmica de proporções gigantescas. Assim, nossos desafios parecem sempre ser crescentes em quantidade e intensidade, o que nos traz alguns momentos bastante delicados, difíceis, pessoalmente, inclusive, no âmbito da saúde mental.

Eis que, em um desses momentos nos quais minha saúde mental parecia se esvaír, surge em minha vida o *Diálogos Interprofissionais em Saúde*, um projeto que movimentou em mim a paixão, o desejo, a vontade e a força de levantar-se e lutar, levantar e fazer, levantar e viver. Para começar, o envolvimento com as pessoas ligadas a este projeto, naquele momento, deu novo sentido à vida (*Lembrando aqui do convite, das nossas conversas e o quanto foi mágico te conhecer, Sônia*).

E nessa ligação com o Norte e o vislumbrar de muitos locais de difícil acesso que lá existe, além de ser uma terra altamente e mundialmente cobiçada, o que lhe traz maiores dificuldades e desinvestimentos, entendi a quão privilegiada eu sou por morar em uma região de fácil acesso a tudo e que não passa pelos mesmos problemas. Fui levada à reflexão e ter majorado o entendimento de que os privilégios não param por aí e eu tenho casa, tenho acesso a estudo e direito de muitas escolhas que muita gente não tem, como optar pela vida acadêmica, mesmo com as dificuldades financeiras que isso trazia, mas que ainda podiam ser uma escolha.

No primeiro “episódio”, que participei do *Diálogos* desde o início, chamou muito minha atenção o fato de que estudantes do sul ao norte tinham algumas dificuldades idênticas. O sentimento de sobrecarga era comum a todos, em qualquer lugar do país: dava a impressão de que a universidade tinha receio que ficássemos ociosos e assim surgiam atividades as mais variadas juntamente à pressão de que participássemos de tudo, o que era impossível. Além disso, a pressão por retorno às aulas, ignorando a incapacidade tecnológica de diversos estudantes, bem como a emocional, sem considerar também que têm

¹ Esse item foi produzido a partir de um texto autoral de Andrea Villas Boas Mello⁷, que foi pontualmente ajustado e que constitui uma narrativa comum, e ao mesmo tempo singular, dos efeitos da conexão entre a LAAIS e o programa *Diálogos*. A presença desse híbrido narrativo é também uma afirmação da aprendizagem como construção coletiva, mediada por afecções.

estudantes na linha de frente da pandemia, como nos mostrou o *Diálogos*, que trouxe estudantes nessa situação (trabalhadoras da linha de frente). O desafio que é estudar em casa também era (e continua sendo) comum em todas as regiões: quando se tem a cama ao lado do computador; quando a internet não tem boa qualidade; quando precisamos decidir sentar e estudar vendo a louça na pia, a roupa por lavar ou a comida por fazer; quando sentimos necessidade de afeto e do contato humano ou temos um ente querido acometido por covid ou nós mesmos com sintomas respiratórios que nos colocam sob suspeita; quando moramos com outras pessoas e não temos como parar suas vidas para estudar; quando moramos em cima de um bar que está em funcionamento durante a pandemia; e inúmeras outras situações. Também era comum o medo, as incertezas, inseguranças, dúvidas.

O *Diálogos* reforçou em mim, lá no início, como os aprendizados não se limitam às salas de aula. Pelo contrário, as vivências nos ensinam muito. Mostrou, ou reforçou, a importância da extensão na educação e o quanto esta poderia ser a prática comum para a formação em saúde (como estamos discutindo ainda formas de inserir a extensão em 10% dos currículos, em atraso com os prazos da lei e da natureza da mudança que ela pretende induzir).

No vídeo que eu produzi, por exemplo, usei situação e falas reais que eu pesquisei e registrei nas semanas anteriores. As pessoas estavam se dando conta, trazendo

para a dimensão consciente, a dor da solidão e o quanto o ser humano não é uma ilha. Assim, o isolamento é antinatural, apesar de necessário. E a falta do abraço (ou do afeto) também adoce as pessoas. E nesse sentido, como avançamos também nos cuidados online e na descoberta de formas de trocar afeto sem ser presencial...

O *Diálogos* me trouxe uma perspectiva mais real do que a que tinha visto apenas teoricamente sobre educação popular e sua potência enquanto tecnologia do cuidado. Infelizmente, ainda há inclusive docentes que pensam em tecnologia desconsiderando as leves. (*Sônia! Fofoca aqui! Levei dois exemplos do Diálogos para uma aula de gestão, quando eu apresentava trabalho sobre tecnologia para o cuidado. O professor ficou irritado e me xingou. Saí da aula rindo hehe... Aprender é desafiar à aprendizagem, já nos dizia Paulo Freire, e, quando o professor não está aberto à aprendizagem, que fique irritado ...*). Foi muito marcante, por exemplo, ver um estudante de medicina trabalhar a violência obstétrica em grupo de gestantes tocando sanfona. Então, o *Diálogos* trouxe exemplos concretos, possibilidades de vivências, mesmo que online.

Por fim, foi motivador fazer parte dessa *equipe* LAAIS na produção de vídeos para o *Diálogos*. Falar com as pessoas me trouxe vida num momento emocional bem difícil. Trouxe a certeza de estar me comunicando com as pessoas. Me levou a conhecer pessoas, seja através de uma pergunta colocada em um grupo para saber quem ali se

encaixava no perfil que procurávamos e isso levar a conhecer alguém daquele grupo, seja com alguém que não poderia participar e indicou uma conhecida do interior de São Paulo. E eu não teria tido qualquer troca com essas pessoas sem o **Diálogos**.

Dialogar com pessoas de diferentes regiões do país é ter contato com diferentes culturas nesse gigante chamado Brasil. Não posso dizer que seja uma novidade que o **Diálogos** me trouxe (foi a formação em Saúde Coletiva que me trouxe essa oportunidade e aprendizado, que tanto amo), mas trouxe o reviver dessa realidade, que estava cortada exatamente pela pandemia. Não apenas no exercício propriamente dito de dialogar com pessoas e contextos diversos aos que me são familiares, também com o efeito pedagógico desses diálogos.

Ainda sobre o contato com as pessoas, percebi pessoas ansiosas para falar, felizes por ter um espaço para se manifestar. É incrível ver como falamos tanto, mas não temos espaços para fala, normalmente. Então, falamos nas nossas bolhas e ninguém mais nos escuta. Assim, percebi que o projeto trouxe essa possibilidade para as pessoas.

Outro sentimento muito recorrente nas pessoas é o medo de falar. Seja medo pelo medo de se expor, seja medo pela insegurança do ato de falar por não estar acostumada a fazê-lo, por achar que o que tem a falar é bobagem, não tem valor... ou não lhe é dado valor. E isso me remete às hipocrisias da nossa sociedade, as limitações que nos colocam em diferentes caixinhas e a

educação impositiva que ainda recebemos, seja em família, instituições de acolhimento ou hospitalares, ou ainda nas escolas. Essa *pseudo* educação que nos tira o direito, a liberdade, a segurança de expor nossas ideias e pensamentos... Vemos comumente adultos comparando crianças em essa é uma peste, um terror, uma chata, ou aquela é um amor, querida, boazinha, tranquila. E como acontece essa classificação? A que questiona normalmente é a chata e a metida. Me dói quando vejo uma criança com potencial pesquisador, questionadora pra caramba e ela mesma diz que é chata ou que as pessoas dizem que ela é uma chata porque ela pergunta demais. Assim, a criança com as qualidades negativas é a que sente a liberdade própria da infância e a que tem as “boas” qualidades é aquela que não se expressa, obedece e é prestativa. A criança mais ativa tem que ser medicada por ter TDAH. E depois de jovens e adultos a lógica das classificações não mudam ou mudam muito pouco. Isso tudo se reflete na nossa dificuldade de escrever, de falar ... e de aceitar um convite da liga em parceria com a rede unida que será transmitido através do projeto.

Depois dessa etapa de captação de pessoas para apresentação de vídeos, vinha a montagem, edição da qual não participei, ainda. Talvez tenha aí uma oportunidade de aprender, um desafio e um medo a vencer.

Em seguida, após a edição e entrega do vídeo, era momento de assistir ao trabalho que produzimos, produção para a qual tivemos participação

ativa. Este era um momento de alegria e orgulho por fazer parte deste trabalho. Os debates eram enriquecedores e os vídeos também... instigadores, provocadores... Era um prazer parar e assistir à riqueza que ali se apresentava. E reconhecer entre as pessoas que assistiam aquela equipe que trabalhara conosco também era lindo, motivo de orgulho e, também, de se sentir pertencente ao grupo e ao projeto. Os programas traziam uma diversidade e riqueza ímpar. De cada programa saí marcada, impactada com algumas informações impressas em mim, no meu íntimo.

Sou muito grata por essa inserção. E tenho certeza de que o brilhantismo do projeto se dá pela diversidade de atores. Este diálogo entre sul e norte, leste e oeste, intercultural, com ênfase na diversidade e no direito das pessoas, que insere todas as regiões e as várias profissões da saúde, da mesma saúde que produzimos ou pretendemos produzir.

Bom! Pela forma de construção desse texto, dá para perceber que não foi elaborado. Os pensamentos é que *foram vindo*, ao pensar o projeto e a minha inserção nele. Aqui a emoção vai chegando e me pegando... Mais uma vez, em um momento que não conseguia parar para escrever nem o relatório do estágio que se encerrou, nem as atividades das “disciplinas” EAD, nem TCC... num momento em que a universidade parece tão distante da minha vida, tão sem sentido que não consigo olhar para ela... É neste momento que parei (ou movimente) minha tarde por esta liga, este projeto, esta paixão. É a segunda vez que este projeto entra assim na minha vida, num momento que não estava motivada, e me provoca, faz olhar para frente, motiva. Este projeto, esta liga, a rede unida, estas pessoas que fazem saúde de verdade, que possibilitam novos olhares para o outro, para a educação, a saúde e a vida... É aqui, é assim, só assim que a vida e o estudo voltam a fazer sentido.

Diálogos, dialogicidades e superação de fronteiras

Escrever sobre a Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde (LAAIS) e sua participação no programa ***Diálogos Interprofissionais sobre a Formação na Saúde*** nos coloca num espaço narrativo que cruza ensino/pesquisa/extensão, sentidos e potências da integralidade na formação e no trabalho em saúde, a natureza singular do trabalho na saúde, os exercícios de alteridade que a vida nos convida a fazer e que a formação muitas vezes nos ensina

a resistir, ao contato com o diverso, à intensidade das vidas que dão sentido aos fazeres do ensino e do trabalho em saúde ...

Um exercício modesto, como costumam ser as coisas mais intensas. Sem cerimônia, sem protocolo. Só pela vontade de dialogar, de fazer intercâmbios, de organizar rodas e redes de conversa, mesmo que, momentaneamente, mediadas por tecnologias remotas. E, sendo assim, nos permite viver a

intensidade singular dos encontros físicos, da aprendizagem na sombra da mangueira (e do abraço), do encontro intensivo entre comunidades aprendentes (docentes e discentes, trabalhadores e usuários, ...).

O diálogo como dispositivo de aprendizagem, assim como a aprendizagem pelo encontro, tem um efeito pedagógico inusitado⁸: reconhecer e produzir diversidades como concepção do humano, que não é uniforme e tampouco normal; deixar-se atravessar pela diferença, sentir a dor do adoecimento do corpo e da sociedade que produz iniquidades, fazer dialogicidades, como híbridos de diálogo e sensação; produzir-se no exercício

da democracia e na defesa do direito, na defesa intransigente do Sistema Único de Saúde e no direito ao próprio corpo, atravessado pelos diferentes outros que constituem a vida em liberdade.

Como toda conversa, essa narrativa não se termina aqui. Ela segue. Em outros programas e em outras temporadas. Como concluir, então, nesse tempo que estamos vivendo?

Simples: #forafascistas, #foranegacionistas, #foragenocidas! Saiam do nosso caminho que queremos passar, nós *todes*, com nossas vidas, com nossas saúdes e com nossas diversidades. Também com nossas poesias, que sem poesia, o diálogo se esgota.

Referências:

1. SILVA, Simone Alves da; FLORES, Oviomar. Ligas Acadêmicas no Processo de Formação dos Estudantes. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 410-417, Set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n3e02592013>. Acesso em 26/01/2021.
2. FERLA, AA.; TORRES, OM.; BAPTISTA, GC.; SCHWEICKARDT, JC.. Ensino cooperativo e aprendizagem baseada no trabalho em equipes de saúde: interações e ações. Em: FERLA, AA.; TORRES, OM.; BAPTISTA, GC.; SCHWEICKARDT, JC. (Org.). **Ensino cooperativo e aprendizagem baseada no trabalho**: das intenções à ação em equipes de saúde. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2019. Pág. 15-25. ISBN: 978-85-54329-28-0. DOI: 10.18310/9788554329280. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/ensino-cooperativo-e-aprendizagem-baseda-no-trabalho-das-intencoes-a-acao-em-equipes-de-saude/>.
3. ALMA-ATA, URSS. **Declaração de Alma-Ata** (1978). Disponível em: <https://www.opas.org.br/declaracao-de-alma-ata>. Acesso em 10 fev de 2015.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série E. Legislação em Saúde).
5. BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde-Pró-Saúde**. Objetivos, Implementação e Desenvolvimento Potencial. Brasília, DF, 2009.
6. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Guia Prático do Programa da Saúde da Família. Brasília: Ministério da Saúde, 128 pp, 2001.
7. MELLO, Andrea Villas Boas. Ideias (ainda desordenadas) sobre a Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde (LAAIS). Texto autoral compartilhado na Liga. Janeiro de 2021.
8. FERLA, A. A. O desenvolvimento do trabalho na atenção básica como política e como efeito pedagógico inusitado: movimentos do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica. Em: AKERMAN, M. et al. (Org.). **Atenção básica é o caminho! Desmontes, resistência e compromissos**. A resposta do Programa de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB) para a avaliação da Atenção Primária em Saúde. São Paulo: Hucitec, 2020. P. 94-124.

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

Adriane Pires Batiston: Fisioterapeuta, doutora em ciências da saúde. Professora permanente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família (PPGSF), do Instituto Integrado de Saúde (INISA), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). (<http://lattes.cnpq.br/8669319432104228>).

Alcindo Antônio Ferla: Médico, doutor em educação. Professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFRGS), de Saúde da Família (UFMS) e Psicologia (UFPA). Editor Chefe da Editora Rede Unida. Coordenador do Eixo Estratégico de Educação da Rede Unida. Membro Titular da Comissão de Recursos Humanos e Relações de Trabalho (CIRHRT) e da Câmara Técnica de Estudos Integrados Câmara Técnica do Controle e Participação Social na Saúde (CTEICPS) do Conselho Nacional de Saúde (CNS). (<http://lattes.cnpq.br/6938715472729668>).

Aline Blaya Martins: Cirurgiã-dentista, doutora em saúde bucal coletiva. Professora Permanente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSCol), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). (<http://lattes.cnpq.br/8115684713552314>).

Andréa Villas Bôas Mello: Acadêmica do curso de graduação em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Educadora Social no acolhimento de crianças e adolescentes. Colaboradora da Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (LAAIS).

Antônio Simeone Correia Leitão: Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atualmente é Bolsista pelo Programa de Apoio à Iniciação Científica (FAPEAM/UEA). Membro do Laboratório de Tecnologia para o Trabalho e Educação em Saúde (LATTED/UEA). Diretor de Ensino da Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (LAAIS). Monitor/voluntário da disciplina "Trabalho de Conclusão de Curso I" do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas. Voluntário do Projeto de Extensão

Ambulatório de Cirurgia Cardiovascular - Tratamento de Úlceras Venosas e Pé Diabético - PROGEX/UEA.

Eduardo Jorge Sant´ana Honorato: Professor Adjunto na Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Professor e Orientador no Programa de Mestrado Profissional em Saúde da Família (Abrasco-Fiocruz) e Mestrado Profissional em Enfermagem (UEA). Professor colaborador do Programa de Mestrado e Doutorado em Medicina Tropical da FMT-HVD. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas (CEP/UEA). Membro parecerista da Comissão de Produtividade de Grandes Áreas. Revisor de Periódicos e Eventos Nacionais de Saúde Pública e Psicologia. Membro de Comitê de Assessoramento de agências de fomento. Psicólogo concursado da Secretaria Municipal de Saúde de Manaus-SEMSA. Docente vice-coordenador da Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (LAAIS).

Francisca Rego Oliveira de Araújo: Fisioterapeuta, mestre em fisioterapia. Profissional do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica/NASF-AB Nazaré/ Natal/Rio Grande do Norte. Professora do Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNIRN. Representante da Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia - ABENFISIO, junto aos "Diálogos Interprofissionais sobre a formação na saúde". (<http://lattes.cnpq.br/9096303955682841>).

Francisca Valda da Silva de Oliveira: Enfermeira, mestre em ciências sociais. Professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN). Coordenadora da Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho - CIRHRT/Conselho Nacional de Saúde - CNS/Ministério da Saúde. (<http://lattes.cnpq.br/7646838520260292>).

Gabriel Romero: Acadêmico do curso de graduação em Medicina na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Diretor de Extensão da Liga acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (LAAIS).

Lorrainy da Cruz Solano: Enfermeira, doutora em enfermagem. Enfermeira da ESF - Zona Rural de Mossoró. Apoiadora da gestão municipal na AB/SMS. Colaboradora das Residências em saúde; Coordenadora do Instituto de Ensino, Pesquisa e Extensão do Hospital Maternidade Almeida Castro/Mossoró/RN. (<http://lattes.cnpq.br/3360481126007782>).

Matheus Pantoja de Souza: Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Diretor de comunicação da Liga acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (LAAIS). Diretor de comunicação da Sujarec - compartilhadora e impulsionadora de artistas negros, TLGBT's e da periferia de Manaus. Co-coordenador do Viva Melhor Sabendo Jovem Manaus do coletivo Difusão.

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira: Psicólogo, doutor em saúde pública. Professor permanente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em

Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Pará (UFPA). (<http://lattes.cnpq.br/9266787581530443>).

Rebeca Cardoso Castro: Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem na Universidade do Estado do Amazonas. Secretária Geral da Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (LAAIS). Atuou como monitora acadêmica da disciplina de Enfermagem e Segurança do Paciente. Atualmente, participa do Projeto de Apoio à Iniciação Científica (PAIC), na Fundação Hospital Adriano Jorge (FHAJ).

Sônia Maria Lemos: Psicóloga, doutora em saúde coletiva. Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Professora dos Programas de Pós-Graduação: Mestrado Profissional em Saúde da Família (ProfSaude/UEA) e Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva (PPGSC/UEA). Coordenadora docente da Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da UEA (LAAIS). Membro da diretoria Ampliada da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP). Representante da ABEP na Câmara Técnica da CIRHRT/CNS. (<http://lattes.cnpq.br/1061333513067009>).

Túlio Batista Franco: Psicólogo, doutor em saúde coletiva. Professor Associado no Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS) e no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC). (<http://lattes.cnpq.br/4910962111735003>).

Vera Maria da Rocha: Fisioterapeuta, doutora em educação. Educadora Física. Professora Associada aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Representante da ABENFISIO junto aos “Diálogos Interprofissionais sobre a formação na saúde”. (<http://lattes.cnpq.br/4968240171699518>)

Victória de Assis Silva: Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atualmente está como Diretora Adjunta Executiva do Centro Acadêmico de Enfermagem Jucimary Almeida do Nascimento (CAJAN/UEA). Diretora Administrativa Liga Acadêmica de Atenção Integral à Saúde da Universidade do Estado do Amazonas (LAAIS). Participou do Projeto de Extensão intitulado "O Reconhecimento do Corpo Feminino nas Diferentes Fases da Vida para Promoção da Saúde, Prevenção e Tratamento das IST", da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) (2018.2 e 2019.1). Membro do Projeto de Extensão intitulado "4life - Primeiros Socorros pela Vida" do Programa de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX) – UEA.





O Catálogo da primeira temporada do programa **Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde** traz uma sinopse, a apresentação dos participantes, os links para o canal da TV Rede Unida onde podem ser acessados na íntegra os programas da temporada e algumas reflexões sobre a formação interprofissional das profissões da saúde. A primeira temporada teve como ênfase o ensino em tempos da pandemia de COVID-19, que mobilizou o debate sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos da saúde, os cenários de aprendizagem, a integração ensino e território no ensino das profissões, o trabalho em saúde, a produção de equidade e os efeitos da pandemia na vida, na saúde e no ensino técnico, de graduação e de pós-graduação. O Programa Diálogos é uma iniciativa interinstitucional que envolve associações de ensino, instituições de ensino e pesquisa, movimentos sociais e um conjunto de militantes da área para discutir temas relacionados à formação em saúde.

ISBN 978-65-87180-34-2



9 786587 180342 >

DIÁLOGOS INTERPROFISSIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO NA SAÚDE: CATÁLOGO DA PRIMEIRA TEMPORADA

